

U. PORTO



**FACULDADE DE DESPORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO**

**Contexto prático de um analista de jogo
inserido no departamento de futebol profissional
do Gil Vicente Futebol Clube**

Relatório de Estágio apresentado às provas de Mestrado em Ciências do Desporto, realizado no âmbito do Curso de 2º Ciclo em Treino de Alto Rendimento, nos termos do Decreto-Lei nº 74/2006 de 24 de Março.

Orientador: Professor Doutor Júlio Manuel Garganta Silva

Coorientador: Álvaro Magalhães

Nelson Diogo Vilas Boas Duarte

Porto, setembro de 2017

Duarte, N. (2017). *Contexto prático de um analista de jogo inserido no departamento de futebol profissional do Gil Vicente Futebol Clube*. Porto: N. Duarte. Relatório de estágio profissionalizante para a obtenção do grau de Mestre em Treino de Alto Rendimento, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Palavras-chave: FUTEBOL, JOGO, OBSERVAÇÃO, INTERPRETAÇÃO.

Sou um visual. O que na memória trago, trago-o visualmente, se susceptível é de assim ser trazido. Mesmo ao querer evocar em mim uma qualquer voz, um perfume qualquer, não evito que antes que ela ou ele me vislumbre no horizonte do espírito, me apareça à visão rememorativa a pessoa que fala, a coisa donde o perfume partiu. Não dou isto por absolutamente certo; pode ser que, radicada em mim de vez a persuasão de que sou um visual, no lugar final do sofisma que é a escuridão íntima do ser me fosse desde então impossível evitar que a ideia de que sou um visual não levantasse imediatamente uma imagem falsamente inspiradora. Seja como for, o menos que sou, é um visual predominantemente.

Vejo, e vendo, vivo.

Pantaleão

Heterónimo de Fernando Pessoa

Agradecimentos

A elaboração deste relatório de estágio só se tornou possível com a colaboração e incentivo de determinadas pessoas, às quais gostaria de expressar o meu agradecimento:

Ao **Professor Doutor Júlio Garganta**, pela orientação, mas também pelo saber, pelos conselhos, pela experiência e pela oportunidade.

Ao **Álvaro Magalhães** e a toda a sua estrutura técnica.

À **ex-direcção do Gil Vicente Futebol Clube** que possibilitou a realização do estágio, bem como, criou todas as condições necessárias para a realização do mesmo.

À **Cátia Lopes Linhares** pela simples presença, mas também, pelo espírito crítico, pela compreensão e pela motivação em momentos cruciais.

Índice

| | |
|---|-------------|
| Agradecimentos | V |
| Índice | VII |
| Índice de Figuras | IX |
| Índice de Tabelas | X |
| Resumo | XI |
| Abstract | XIII |
| 1. Introdução | 15 |
| 1.1 Razões e Justificações para o Estágio | 16 |
| 1.2 Objetivos | 17 |
| 1.3 Finalidades | 17 |
| 1.4 Processo de realização do Relatório de Estágio | 17 |
| 2. Enquadramento da Prática Profissional | 19 |
| 2.1. Contexto Legal | 19 |
| 2.2. Contexto Institucional do Gil Vicente Futebol Clube | 20 |
| 2.2.1. Gil Vicente Futebol Clube | 20 |
| 2.2.1.1. Fundação | 20 |
| 2.2.1.3. Valores | 20 |
| 2.2.1.4. Objetivos | 22 |
| 2.2.1.5. Historial | 22 |
| 2.2.1.6. Estruturas Técnicas do Futebol Masculino (2016/2017)..... | 24 |
| 2.3. Contexto Funcional | 25 |
| 2.3.1. O Futebol, a Observação e a Análise do Jogo | 26 |
| 2.3.1.1. O Futebol | 26 |
| 2.3.1.2. Observação e Análise do Jogo ou Observação e Interpretação do Jogo? Uma terminologia diferente para a mesma função. | 28 |
| 2.3.1.2.1. Observação e Interpretação do Jogo no âmbito do Futebol | 30 |
| 2.3.1.2.2. A Evolução da Observação, Análise e Interpretação do Jogo ... | 33 |
| 2.3.1.2.3. Alcances e Limites da Observação, Análise e Interpretação do Jogo. Não há bela sem senão. | 38 |

| | |
|---|-----------|
| 2.3.1.2.4. Modelo de Observação e Interpretação do Jogo | 39 |
| 2.3.1.2.5. Objetivos da Observação e Interpretação do Jogo..... | 41 |
| 2.3.1.2.5.1 Observação e Interpretação da própria equipa..... | 41 |
| 2.3.1.2.5.2 Observação e Interpretação das equipas adversárias..... | 42 |
| 2.3.1.2.5.3 Prospeção de jogadores | 43 |
| 2.3.1.2.6. Tipos de Observação do Jogo | 44 |
| 3. Realização da Prática Profissional | 47 |
| 3.1 Processo de criação do Gabinete de Observação e Interpretação do Gil Vicente Futebol Clube | 48 |
| 3.2 Observação e Interpretação do Gil Vicente Futebol Clube..... | 52 |
| 3.2.1 Preparação..... | 53 |
| 3.2.2 Observação e Recolha..... | 58 |
| 3.2.3 Interpretação | 61 |
| 3.2.4 Intervenção | 65 |
| 4. Conclusões e Perspetivas de Futuro | 69 |
| 5. Referências Bibliográficas | 73 |

Índice de Figuras

| | |
|---|-----------|
| Figura 1 - O ciclo de treino (adaptado de Carling et al., 2005)..... | 32 |
| Figura 2 - Interação do processo de observação e interpretação do jogo com o treino e com o desempenho em competição. | 40 |
| Figura 3 – Gabinete de Observação e Interpretação do Gil Vicente Futebol Clube – espaço físico. | 49 |
| Figura 4 – Logótipo do Gabinete de Observação e Interpretação do Gil Vicente Futebol Clube – GOI. | 49 |
| Figura 5 – Modelo de Elaboração de Relatório do Gabinete de Observação e Interpretação do Gil Vicente Futebol Clube. | 50 |
| Figura 6 – Fases do processo de observação e interpretação do jogo (adaptado de Knudson & Morrison, 2002)..... | 52 |
| Figura 7 – Documento preparatório para a observação e interpretação do desempenho da própria equipa..... | 54 |
| Figura 8 – Modelo de interação entre os diferentes momentos de jogo. | 59 |
| Figura 9 – Relatório de observação e interpretação coletivo | 62 |
| Figura 10 – Compacto de vídeo coletivo | 64 |
| Figura 11 – Compactos de vídeo individuais..... | 64 |
| Figura 12 – 1º Ciclo padrão de intervenção. | 66 |
| Figura 13 – 2º Ciclo padrão de intervenção. | 67 |

Índice de Tabelas

| | |
|---|-----------|
| Tabela 1 - Estruturas Técnicas do Futebol Masculino (2016/2017) | 24 |
| Tabela 2 – Alguns estudos de observação, análise e interpretação do jogo, realizados no âmbito do treino e da competição no Futebol, nos últimos 50 anos – 1950 a 2000 (adaptado de Garganta, 2001). | 34 |
| Tabela 3 – Áreas de intervenção do Gabinete de Observação e Interpretação do Gil Vicente Futebol Clube e respetivos funcionários. | 51 |
| Tabela 4 – Planeamento das observações e interpretações diretas da própria equipa..... | 55 |
| Tabela 5 – Planeamento das observações e interpretações indiretas da própria equipa..... | 57 |
| Tabela 6 – Fases e momentos do jogo..... | 59 |
| Tabela 7 – Número de observações efetuadas ao Gil Vicente Futebol Clube.. | 61 |

Resumo

Dar a conhecer a realidade prática e teórica de um ano de estágio curricular, nomeadamente durante todo o processo que envolveu a criação do gabinete de observação e interpretação do Gil Vicente Futebol Clube mas, também, inserido posteriormente no mesmo (após a respetiva criação do referido gabinete), explorando de forma detalhada o contexto legal, institucional e funcional, dentro dos quais o estágio decorreu, são objetivos deste relatório de estágio.

Para além do exposto, pretende-se explorar, descrever e caracterizar, de forma exaustiva, as práticas profissionais inerentes ao período de estágio, bem como expor reflexões pessoais que surgiram ao longo do período de estágio.

Partindo desse pressuposto, efetuou-se um estágio curricular entre julho de 2016 e junho de 2017, no Gil Vicente Futebol Clube, particularmente no gabinete de observação e interpretação do clube.

Na nossa opinião, com a realização do estágio, pela experiência adquirida nos clubes passados e pela partilha de experiências com colegas de profissão, a observação e interpretação de jogo (e a própria criação de um gabinete de observação e interpretação), em Portugal, é vista como uma solução necessária e fundamental para ajudar na elevação do desempenho dos jogadores, bem como no auxílio à equipa técnica e clube, em determinados contextos particulares.

Para o Gil Vicente Futebol Clube, a observação e interpretação de jogo, até à nossa entrada no clube, servia simplesmente para descrever adversários, realizar gravações de jogos e realizar cortes de vídeo sobre os melhores momentos dos jogos efetuados (uma verdade não muito diferente do que já experienciei noutro contexto).

Durante o período em que estivemos no Gil Vicente Futebol Clube (época desportiva de 2016/2017), podemos afirmar que o clube passou a usufruir de um gabinete de observação e interpretação em funcionamento, de forma integradora, dinâmica e eficaz, pronta para dar resposta aos desafios do futuro. Tal processo será exposto ao longo do presente relatório de estágio.

Palavras-chave: FUTEBOL, JOGO, OBSERVAÇÃO, INTERPRETAÇÃO.

Abstract

To make known the practical and theoretical reality of a year of curricular internship, namely during the whole process that involved the creation of the Gil Vicente Futebol Clube observation and interpretation department, but also later inserted in it (after its creation of the aforementioned department), exploring in detail the legal, institutional and functional context within which the internship took place, are the aims of this report.

In addition to the above, it is intended to explore, describe and characterize, in an exhaustive way, the professional practices inherent to the internship period, as well as expose personal reflections that have arisen during the internship period.

Based on this assumption, a curricular internship was carried out between July 2016 and June 2017 at Gil Vicente Futebol Clube, particularly in the club's observation and interpretation department.

In our opinion, with the realization of the internship, as well as the experience gained in past clubs and the sharing of experiences, in Portugal the observation and interpretation game (and the creation of an observation and interpretation department) is a necessary and fundamental solution to help players raising theirs' performance, as well as supporting the technical team and club, but only in certain particular contexts.

For Gil Vicente Futebol Clube, the observation and interpretation game, before our entry on the club, simply served to describe opponents, making recordings of games and make video-cuts about the best moments of the games played (a reality not quite different from what I have already experienced in another context).

During the period when we were at Gil Vicente Futebol Clube (2016/2017 season), we can say that the club has an observation and interpretation department in operation, integrating, dynamic and effective, ready to meet the challenges of the future. So, all this process will be discussed throughout this report.

Key-words: SOCCER, GAME, OBSERVATION, INTERPRETATION.

1. Introdução

Tudo o que sei, aprendi, observei...senti.

Josep Guardiola

O estágio é uma unidade curricular do Mestrado em Treino de Alto Rendimento Desportivo, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, que decorre durante o 2º ano do ciclo de estudos do referido Mestrado e perfaz 60 créditos. O estágio foi realizado numa instituição desportiva de reconhecido mérito, integrado no sistema desportivo português – o Gil Vicente Futebol Clube.

A realização do estágio implicou, necessariamente, a supervisão e a avaliação de um docente da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, de reconhecida capacidade técnica, pedagógica e científica, na área específica do referido mestrado (Professor Doutor Júlio Garganta), bem como a orientação, por parte, de um treinador na instituição de acolhimento (Treinador Álvaro Magalhães).

O estágio curricular teve início na equipa sénior do Gil Vicente Futebol Clube, tendo nós a responsabilidade de criar um gabinete de observação e interpretação, bem como sermos responsáveis pela observação e interpretação do desempenho da própria equipa (Gil Vicente Futebol Clube).

O presente documento procura dar conta de todo o processo desenvolvido no âmbito do estágio realizado. Assim, o estágio desenvolveu-se em três fases fundamentais: i) elaboração do projeto; ii) intervenção propriamente dita – realização do estágio; e iii) redação e apresentação do relatório.

De referir que as atividades de estágio decorreram entre julho de 2016 e junho de 2017.

1.1 Razões e Justificações para o Estágio

A opção pela realização de um estágio curricular no Gil Vicente Futebol Clube foi uma decisão racional, sensata e lógica. Ao longo da minha existência enquanto ser humano e, como tal, enquanto ser de emoções e sentimentos, fui desenvolvendo um apreço especial pelo Gil Vicente Futebol Clube, uma vez que sou natural de Barcelos. Assim, desde cedo tive a ambição de poder iniciar a minha primeira experiência de alto rendimento, no Gil Vicente Futebol Clube.

Contactamos o analista do Gil Vicente Futebol Clube (Pedro Pinto), com o objetivo de marcar uma reunião com o mesmo e para, simultaneamente, compreender o funcionamento do gabinete de observação e análise do Gil Vicente Futebol Clube. Após referida reunião, ficamos com a ambição, ainda maior, de fazer parte da estrutura do clube, pois percebemos, claramente, que o clube tinha uma grande lacuna no que à área da observação e análise de jogo diz respeito.

Tal facto não é de admirar, uma vez que no Futebol, em Portugal, a área da observação e análise de jogo ainda é pouco explorada na sua totalidade, comparando com outros países e até, comparando, com outras modalidades no nosso País. Isto é, não são muitos os clubes de futebol, em Portugal, que consideram a observação e análise de jogo como uma das dimensões que, claramente, contribuem para catapultar o rendimento desportivo de uma equipa de futebol, ao ponto de realizarem investimentos contínuos e quiçá avultados, nesta área.

Posto isto, com a realização do referido estágio pretende-se expor uma determinada realidade competitiva (de Alto Rendimento), nomeadamente no que se reporta a um gabinete de observação e análise de um clube português, procurando contribuir de forma simples, clara e concisa para a produção de conhecimento empírico (o mais ajustado possível à realidade), de acordo com as vivências, experiências e ensinamentos obtidos durante o estágio.

Com este Relatório pretende-se, assim, dar a conhecer o processo de criação de um gabinete de observação e análise no Gil Vicente Futebol Clube, bem como analisar e refletir sobre os aspetos relacionados com as dimensões que compõem o referido gabinete, num contexto competitivo de alto rendimento

desportivo, como é o caso do Gil Vicente Futebol Clube, durante a participação na Ledman LigaPro, na Taça de Portugal Placard e na Taça CTT, na época desportiva de 2016/2017.

1.2 Objetivos

O presente estágio teve como objetivo fundamental, viabilizar a identificação, a análise e o conhecimento das dimensões que compõem o gabinete de observação e análise do Gil Vicente Futebol Clube, refletindo sobre todo o processo de criação, planeamento, organização e execução das referidas dimensões, bem como do próprio gabinete de observação e análise do clube.

1.3 Finalidades

Com o presente relatório pretende-se descrever, analisar e interpretar, crítica e construtivamente, todo o processo de estágio, o que o motivou e o que dele decorreu.

Pretende-se, também, dar conta das reflexões levadas a cabo, bem como as conclusões, as avaliações e as perspetivas futuras para o período pós-estágio.

1.4 Processo de realização do Relatório de Estágio

O processo de realização do Relatório de Estágio tem em consideração a seguinte estrutura: i) introdução - que tem como objetivo primordial dar a conhecer o âmbito pelo qual se realiza o estágio, bem como os objetivos, razões e motivações para a realização do estágio; ii) enquadramento da prática profissional, onde se procura caracterizar e descrever todo o contexto de forma aprofundada e detalhada, desde o contexto mais geral (Legal e Institucional) até ao contexto mais específico (Funcional); iii) realização da prática profissional, que consiste em definir e caracterizar todas as ações e atividades desenvolvidas e levadas a cabo, incluindo as reflexões pessoais sobre todo o processo, bem como as dificuldades sentidas; iv) Conclusões, onde se pretende refletir acerca das experiências e ensinamentos adquiridos; e, por fim, v) referências bibliográficas que sustentam o Relatório de Estágio.

2. Enquadramento da Prática Profissional

Como jogador, o que me dava mais pânico era ir jogar uma partida de futebol sem saber que tipo de dificuldades o adversário poderia colocar.

Josep Guardiola

No presente capítulo irá ser explicitado o contexto legal, institucional e funcional que enquadró o estágio.

Num primeiro momento será abordado o contexto legal do Estágio, bem como o contexto institucional do Gil Vicente Futebol Clube, focando a sua história, a missão, os valores, os objetivos, entre outros aspetos de natureza institucional. Posteriormente, entraremos num âmbito de cariz funcional, procurando salientar o Futebol e a Análise de Jogo, fazendo referência a todos os pressupostos vinculados ao respetivo processo.

2.1. Contexto Legal

O Estágio, inserido no âmbito do Mestrado em Treino de Alto Rendimento Desportivo da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP), foi realizado no Departamento de Futebol Profissional, nomeadamente, no gabinete de observação e análise do Gil Vicente Futebol Clube.

Assim sendo, foi elaborado um protocolo de colaboração solicitado pelo estagiário em causa - Nelson Diogo Vilas Boas Duarte - apoiado na orientação do Professor Doutor Júlio Manuel Garganta Silva e na coorientação do treinador Álvaro Magalhães.

O referido estágio teve como duração o espaço temporal definido entre Julho de 2016 e Junho de 2017, correspondendo a 52 observações da equipa sénior do Gil Vicente Futebol Clube (oficiais e de preparação), sendo que no final de cada observação, era realizado o respetivo relatório de observação e análise, entregue à equipa técnica do clube.

2.2. Contexto Institucional do Gil Vicente Futebol Clube

2.2.1. Gil Vicente Futebol Clube

2.2.1.1. Fundação

O Gil Vicente Futebol Clube foi fundado a 3 de maio de 1924, por um grupo de jovens que regularmente se reunia no atual largo Doutor Martins Lima (mais conhecido por Largo do Teatro) em Barcelos, dando ao clube o nome do Teatro: Teatro Gil Vicente e do primeiro grande dramaturgo português - Gil Vicente (que alguns historiadores apontavam ser natural da cidade de Barcelos). Assim, o clube surgiu com a designação de Gil Vicente Foot-Ball Club. Posteriormente, deixa as raízes inglesas do nome e adota a terminologia “Futebol Clube”, alterando assim, a sua denominação para Gil Vicente Futebol Clube.

Como visão, o Clube pretende ser uma referência regional (Minho), tendo em vista a sua projeção, de forma crescente e sustentada a nível Nacional.

2.2.1.2. Missão

O Gil Vicente Futebol Clube tem como missão, impulsionar, promover e divulgar a prática desportiva, cultural e recreativa junto da comunidade em que se insere, proporcionando a todos os seus trabalhadores uma cultura de respeito, persistência, esforço, ambição e humildade, procurando diariamente, reforçar a sua posição de mais alto representante desportivo da cidade e um dos maiores da região.

2.2.1.3. Valores

O Gil Vicente Futebol Clube é um clube referência na Região Minhota de Portugal, pois é uma entidade desportiva que representa o Minho e é um dos seus maiores embaixadores.

Assim sendo, os valores do Gil Vicente Futebol Clube são os seguintes:

- Minhoto: o Gil Vicente Futebol Clube é, desde a sua origem, um símbolo da Região Norte de Portugal (Minho). O Clube incorpora, com determinação e rigor, os ideais do Minho (apego à vida, à alegria, à humildade, à lealdade e à cor);

- Persistência: quando o hino do Clube refere “...tu tens garra e procuras só a vitória”, expressa o espírito de combatividade, tenacidade e dedicação do Clube, em cada dia, em cada jogo, em cada campo;

- Compromisso social: o Gil Vicente Futebol Clube é um Clube aberto, integrador e solidário, que procura deixar claro tais valores através das suas ações, no dia-a-dia;

- Democracia: os sócios do Clube são os seus proprietários e, por isso, decidem, democraticamente, as pessoas que serão os líderes da entidade. A democracia é um pilar fundamental do Clube;

- Respeito: o respeito pelos outros é um dos pilares fundamentais da vida democrática e da capacidade de viver em sociedade. Implica, assim, a dimensão individual, mas também a social e coletiva. No desporto, o respeito é fundamental, já que se criam várias situações de tensão que devem ser sanadas, instantaneamente. Desta forma, torna-se necessário ter o respeito como valor fundamental (acima de qualquer norma e regulamento);

- Esforço: existem muitos modelos que evitam o esforço e convidam ao oportunismo, à sorte e ao triunfo imediato. Apesar disso, o esforço foi, é e será um valor que nos permitirá (sempre) chegar a lugares impensáveis e/ou conseguir metas e objetivos que parecem ser inatingíveis e/ou inalcançáveis. A dedicação, o rigor, a constância, a capacidade de sacrifício e a perseverança permite-nos chegar ao legado, ao contrário da sorte e/ou do triunfo rápido que apenas nos permite chegar à efemeridade;

- Ambição: a ambição é a vontade em conseguir o máximo rendimento, procurando realizar as tarefas do dia-a-dia não apenas como seja possível, mas fazê-las bem e procurar a superação constante, em cada tarefa. Quem tem ambição, invoca invariavelmente um sem fim de outros valores, como a excelência, a paciência, a disciplina, a ordem, a motivação, a responsabilidade, entre outros;

- Trabalho em equipa: o trabalho em equipa implica, necessariamente, que o sujeito passe a formar parte de um grupo e, como tal, elemento ativo que atua no conjunto (inclusive, às vezes, em detrimento da sua própria individualidade);

- Humildade: a humildade, provavelmente, consiste em saber como ter claro os valores e saber mantê-los, bem como defendê-los, inclusivamente, em situações de superioridade clara e/ou êxito.

2.2.1.4. Objetivos

Em função da história, da visão, da missão e dos valores do Gil Vicente Futebol Clube, os seus objetivos passam por:

- Sustentabilidade financeira do Clube, tornando-o economicamente autossustentável;

- Desenvolver e promover um elevado nível de profissionalismo, eficácia e rentabilidade na respetiva gestão do Clube, de modo a maximizar todos os recursos ao serviço do Gil Vicente Futebol Clube;

- Desenvolver a cultura do clube;

- Construir equipas competitivas;

- Construir infraestruturas através de um Centro Desportivo, com campos de futebol também para usufruto da comunidade (compromisso social);

- Transformar o Gil Vicente Futebol Clube num clube com maior responsabilidade e compromisso social, envolvendo a comunidade local com o clube e o clube com a comunidade local;

- Promover estudos e investigações associados ao desenvolvimento do fenómeno do Futebol, privilegiando os acordos e parcerias com Universidades e Instituições Científicas de reconhecido prestígio.

2.2.1.5. Historial

Desde a criação do Gil Vicente Futebol Clube até à atualidade é possível destacar vários momentos que marcaram o historial do clube, para sempre:

- Em maio de 1933, o Gil Vicente Futebol Clube estreia-se no campo da Granja (atualmente, Estádio Adelino Ribeiro Novo, em homenagem ao ex-atleta Adelino Ribeiro Novo, que faleceu após um choque com um adversário em 1946);

- Em 1943 e pela primeira vez, o Gil Vicente Futebol Clube sobe à Segunda Divisão Nacional;

- Em 1987, a Câmara Municipal de Barcelos doa o Estádio Adelino Ribeiro Novo ao Gil Vicente Futebol Clube, a 8 de novembro. Nesse mesmo dia, o Gil Vicente inaugura a sua nova sede;

- Em 1989 o Gil Vicente Futebol Clube sobe à Primeira Divisão Nacional, sobe a presidência de Francisco Dias (atual Presidente do Clube);

- Em 1996 e após sete anos de permanência na Primeira Divisão Nacional, o Gil Vicente Futebol Clube desce à Segunda Divisão de honra;

- Em 1999, o Gil Vicente Futebol Clube torna-se Campeão da Segunda Divisão Nacional e regressa à Primeira Divisão Portuguesa sobe o comando técnico de Álvaro Magalhães;

- Em 30 de maio de 2004 é inaugurado o Estádio Cidade de Barcelos, onde a partir de 2004/2005, o Gil Vicente Futebol Clube passa a realizar os seus jogos em casa;

- Em 2006 dá-se o famoso caso Mateus. O Gil Vicente Futebol Clube, após término da última jornada da Primeira Divisão Portuguesa, consegue garantir a permanência, vencendo o Belenenses por 1-0. Todavia, por decisão administrativa é relegado para a Segunda Divisão Nacional, devido a alegadas irregularidades da inscrição do jogador Mateus. Este caso ficou na história do Futebol Nacional como “Caso Mateus” e ainda aguarda decisão do Tribunal Administrativo de Lisboa, sobre o recurso interposto pelo Belenenses referente à decisão, em favor do Gil Vicente, por parte do Tribunal Administrativo de Lisboa no “Caso Mateus”;

- Em 2011, o Gil Vicente Futebol Clube é aclamado Campeão da Segunda Divisão Nacional (repetindo o feito de 1999), regressando assim, cinco anos depois à Primeira Divisão Nacional;

- Em 14 de maio de 2012, o Gil Vicente Futebol Clube disputa a Final da Taça da Liga, frente ao Sport Lisboa e Benfica, no Estádio Cidade de Coimbra. O resultado, infelizmente, terminou na vitória do Sport Lisboa e Benfica por 2-1.

O Gil Vicente estreou-se, oficialmente a 3 de maio de 1933, frente ao Sporting Clube de Braga, no campo da Granja. A primeira camisola do clube era vermelha, passando depois a equipar com listas verdes e brancas horizontais.

Só mais tarde seria adotado o vermelho e o azul como as cores oficiais do Clube. Em 1976/1977, o Gil Vicente Futebol Clube foi a sensação na Taça de Portugal, chegando às meias-finais da prova, onde foi eliminado pelo Sporting Clube de Braga, após jogo de desempate. Na edição seguinte, o clube voltou a chegar longe, perdendo apenas nos quartos-de-final, com o FC Porto. O ano de estreia do Gil Vicente Futebol Clube na Primeira Divisão Nacional (1990) mostrou um clube maduro e preparado para a Primeira Divisão, perdendo apenas com FC Porto e SL Benfica no Estádio Adelino Ribeiro Novo e tendo vencido o Sporting por 2-1. A época seguinte trouxe, finalmente, a primeira vitória no Estádio Adelino Ribeiro Novo, frente ao FC Porto. Em 1994/1995, surge a primeira vitória frente ao SL Benfica no Estádio Adelino Ribeiro Novo, bem como no Estádio da Luz. O Gil Vicente Futebol Clube tem como melhor registo na Primeira Divisão Nacional o oitavo lugar (2002/2003). Em 2002, o Clube conseguiu colocar na Seleção Portuguesa de Futebol, o jogador Luís Loureiro (o primeiro jogador do clube a vestir a camisola da Seleção Nacional Portuguesa). Por fim em 2012, o Gil Vicente Futebol Clube quando regressa à Primeira Divisão Nacional torna-se “invencível” em Barcelos, perante os clubes grandes, pois no Estádio Municipal de Barcelos não passam SL Benfica (2-2), o Campeão FC Porto (3-1) e o Sporting (2-0). Este último também foi vencido em Alvalade, para a Taça da Liga (0-1), onde o Gil Vicente Futebol Clube chegaria à Final de Coimbra (tal como já referido).

2.2.1.6. Estruturas Técnicas do Futebol Masculino (2016/2017)

Tabela 1 - Estruturas Técnicas do Futebol Masculino (2016/2017).

| Escalão | Treinador | Treinadores Adjuntos | Analistas |
|----------------|------------------|--|------------------|
| Petizes B | Márcia Freitas | João Dias e Raúl Vieira | - |
| Petizes A | Inês Vieira | Gonçalo Barbosa, João Silva e Raúl Vieira | - |
| Traquinas B | Joana Costa | Pedro Oliveira e Raúl Vieira | - |
| Traquinas A | Joana Costa | Carlos Pinho, André Oliveira e Raúl Vieira | - |

| | | | |
|--------------------------------|------------------|---|--|
| Juniões "E" – Equipa C | Ricardo Esteves | Mário Faria, Nelson Vale e Raúl Vieira | - |
| Juniões "E" – Equipa B | Ricardo Rocha | Luís Oliveira e Raúl Vieira | - |
| Juniões "E" – Equipa A | Diogo Silva | Luís Carvalho e Raúl Vieira | Miguel Silva |
| Juniões "D" – Equipa C de 7 | Vítor Sarmiento | João Lima | - |
| Juniões "D" – Equipa B de 7 | Cláudio Duarte | Carlos Pinho | - |
| Juniões "D" – Equipa A de 7 | Rui Correia | Rui Boucinha | - |
| Juniões "D" – Futebol de 11 | Ricardo Ferreira | António Pimenta | - |
| Juniões "C" – Equipa B | Armindo | João Calas e João Duarte | - |
| Juniões "C" – Equipa A | Ricardo Santos | Marco Campinho | Óscar Gonçalves |
| Juniões "B" – Equipa B | Pedro Simões | Ricardo Loureiro e Raul Barbosa | - |
| Juniões "B" – Equipa A | Carlos Celso | Alberto Silva | Rafael Silva |
| Juniões "A" | Alberto Silva | Alberto Pereira | Raúl Vieira |
| Seniores | Álvaro Magalhães | João Costeado, Pedro Russiano e António Ferreira | Pedro Pinto, Nelson Duarte e Alberto Silva |

2.3. Contexto Funcional

Durante o período decorrente do estágio foram realizadas várias funções, no que ao desenvolvimento do gabinete de observação e análise de jogo do Gil Vicente Futebol Clube diz respeito. Desta forma, até à nossa chegada ao clube, era realizada a observação e descrição de adversários, bem como a prospeção de jogadores.

Todavia, com a apresentação do nosso projeto de reestruturação do departamento de observação e análise, foi melhorado o suporte ao departamento de futebol profissional do clube. Isto é, apresentamos um projeto, sustentado do ponto de vista científico, onde foi vincada a importância de assentar o gabinete de observação e análise do clube em três pilares

fundamentais, a saber: i) observação e análise de adversários – que era realizada de forma genérica; ii) observação e análise da própria equipa – que não era realizada; e iii) prospeção de jogadores – que era realizada em contexto “informal”.

Assim, iniciamos as funções de observação e análise da *performance* coletiva - quantitativa e qualitativa - da própria equipa - no caso, do Gil Vicente Futebol Clube - bem como as funções de observação e análise da *performance* individual dos jogadores do Gil Vicente Futebol Clube.

Tivemos, também, como funções/tarefas, a realização dos respetivos relatórios de observação e análise, os quais eram entregues à equipa técnica, da equipa sénior, do Gil Vicente Futebol Clube.

Eram realizadas, também, palestras aos jogadores, no auditório do clube, sobre conteúdos relacionados com os relatórios de observação e análise elaborados. Além do exposto, eramos responsáveis por expor e realizar reflexões com os jogadores (individualmente) referente a aspetos positivos e negativos relacionados com os seus desempenhos (de forma a corrigirem determinados comportamentos e, também, com o objetivo de potenciar outros).

2.3.1. O Futebol, a Observação e a Análise do Jogo

2.3.1.1. O Futebol

Em pleno século XXI o futebol é considerado, quase de forma unânime, como o maior acontecimento desportivo em todo o mundo (Garganta, 2004). É uma modalidade desportiva que se insere na temática dos jogos desportivos coletivos (Teodorescu, 1984; Garganta, 1997; Castelo, 2006, 2009).

Sendo uma modalidade integrada no grupo dos jogos desportivos coletivos, apresenta características comuns às restantes modalidades inseridas nesta temática (Bayer, 1994). Ou seja, existe uma bola, que leva duas equipas a disputarem a posse da mesma e há um espaço, perfeitamente delimitado - terreno de jogo - onde o confronto ocorre, com a presença de duas equipas (uma a atacar e outra a defender), que devem cumprir determinadas regras. Neste contexto, têm também lugar a disputa por objetivos antagónicos, através da

cooperação entre os elementos da mesma equipa e a oposição em relação aos elementos que compõem a equipa adversária (Bayer, 1994).

Em síntese, o futebol caracteriza-se por ser um jogo em que 11 elementos de uma equipa, em oposição aos 11 elementos da equipa adversária, procuram conquistar a bola, com o objetivo de a introduzir, o maior número de vezes possível, dentro da baliza adversária, procurando evitar que a equipa adversária consiga atingir idêntico objetivo (Garganta, 1997; Castelo, 2009). Para tal, os 11 elementos da equipa com bola devem gerir o tempo de jogo e o espaço do terreno de jogo, para seu benefício próprio (Teodorescu, 2003; Garganta, 1997; Castelo, 2009).

Na nossa opinião, na base do jogo de futebol está subjacente a relação de cooperação/oposição (Garganta, 1997) - característica dos jogos desportivos coletivos - bem como de adversidade/rivalidade (Castelo, 1994), onde as equipas procuram realizar esforços e ações divergentes de ataque/defesa, com vista à obtenção da vitória (Garganta, 2006).

O futebol para além de ser um jogo desportivo coletivo, tal como já referido, é também um meio de educação física e desportiva, um meio de aplicação da ciência e, também, uma disciplina de ensino (Garganta, 1997). Todavia, consideramos que, tal como afirma Almeida (2011), nos últimos dez anos o futebol tem passado por alterações marcantes, deixando de ser apenas uma modalidade de lazer, de educação física e desportiva, para ser, também (e cada vez mais) um negócio multimilionário e complexo.

Na perspetiva de Neves (2009) com a qual concordamos, sendo o futebol um evento desportivo de carácter global, é também ele influenciador da sociedade, quer ao nível sociocultural, como ao nível sociológico, político e económico. Isto é, o futebol como fenómeno global estimula a cultura (aumentando a ocupação dos tempos livres e desenvolvendo valores), eleva a cidadania e a identidade local e/ou nacional, promove os regimes, destaca internacionalmente os países, desenvolve as economias locais e, ainda, possibilita a criação de emprego (Neves, 2009).

O futebol tem vindo a sofrer alterações, também ao nível da qualidade de jogo. Assim, as necessidades de evolução do jogo, tal como afirma Dias (2009) tornam

fundamental, determinante e necessário que os treinadores possuam informação criteriosa, de forma a melhorar o desempenho das suas equipas e respetivos jogadores. Ou seja, apesar de o futebol ser um jogo em que a arte, o espetáculo e a paixão estão presentes, não deixa de ser, também, uma área de aplicação da ciência (Garganta, 2001).

Nesse sentido, a investigação na área do futebol tem evoluído continuamente, nomeadamente a investigação acerca da observação e análise de jogo.

A observação e análise de jogo tem sido referida pela literatura especializada como determinante e decisiva no processo de preparação desportiva nos Jogos Desportivos Coletivos (Moutinho, 1991), apesar do jogo de futebol ser um sistema não linear, de múltiplas interações, não estático, de ações imprevisíveis, que atua perto do “caos”, da diversidade de ações, aleatório e parcialmente determinado pelo acaso (Garganta, 2001, 2005).

Assim, somos a concordar com Garganta (1996) quando este refere que através da observação e análise de jogo, os treinadores podem ampliar os seus conhecimentos e, conseqüentemente, estarem melhores preparados para aumentarem a qualidade do desempenho das respetivas equipas.

2.3.1.2. Observação e Análise do Jogo ou Observação e Interpretação do Jogo? Designações diferentes para a mesma função.

Após a realização da revisão da literatura no âmbito das Ciências do Desporto, somos da opinião que não há consenso em relação às definições, conceitos e modos de entender o processo de Análise do Jogo, pois diversos são os autores que utilizam várias terminologias, denominações, referências e características para definirem o que é a Análise do Jogo - umas mais gerais, outras mais específicas.

Assim sendo, na literatura são encontradas diversas expressões para caracterizar aquilo que é o estudo sobre o jogo, a partir da observação do comportamento dos jogadores e das suas respetivas equipas, como a observação do jogo (*game observation*), a análise notacional (*notational analysis*) e a análise do jogo (*match/game analysis*) (Garganta, 2001).

Diversos autores contribuíram - e contribuem - para a caracterização e definição daquilo que atualmente se conhece como a observação e a análise do jogo. Também várias são as designações utilizadas no contexto desportivo, no que à observação e análise do jogo diz respeito, sendo que, no âmbito do futebol, apesar de definirem a mesma função, podem indicar maior ou menor especificidade.

Gowan (1982) afirma que a Análise do Jogo se refere à Observação cuidada de um jogo e, por sua vez, pode ser um recurso bastante útil, no que ao treino diz respeito.

Bacconi e Marella (1995) referem que a Observação do Jogo engloba a recolha e a coleção dos dados de determinada partida, em tempo real. Por sua vez, consideram também, que a Análise do Jogo diz respeito à recolha e à coleção de dados em tempo diferido, acrescentando que eventuais erros que possam ter sido cometidos durante o processo de Observação, poderão ser corrigidos no momento da referida Análise.

Hughes (1996) por outro lado, afirma que a Observação e a Análise do Jogo divide-se em três fases: i) a observação dos factos; ii) a anotação dos dados; e iii) a interpretação dos dados.

Para Garganta (2000) a Análise do Jogo é entendida como o estudo do jogo a partir da Observação da atividade dos jogadores e das equipas. Para a mesma ideia concorre McGarry (2009) quando refere que a Observação e Análise do Jogo tem como objetivo, compreender o comportamento das equipas e dos jogadores durante o jogo, com vista a aumentar a qualidade do mesmo.

Bell (1997) afirma que a Observação não é um dom natural, mas antes um exercício altamente qualificado, para o qual é fundamental e determinante, não só ter um elevado conhecimento e uma compreensão de fundo, como também ter uma capacidade de desenvolver raciocínios originais e a propensão para identificar acontecimentos significativos.

Na nossa opinião, uma boa observação não é, de facto “um dom natural”, mas implica a deteção de padrões não visíveis aos olhos dos leigos, pois realizar uma boa observação implica, necessariamente, “ver” com os conceitos pré-adquiridos – e.g., o elevado conhecimento e a compreensão de fundo referidos por Bell

(1997). Por isso é que Berthoz (1997) afirma que olhar é já ter decidido, pois há uma tendência natural para “ver” o que procurámos, pois procurámos com os conceitos adquiridos.

Atualmente, uma outra nomenclatura largamente utilizada é a de “*Scouting*”, uma palavra de origem inglesa, que pode ser traduzida para português como o ato ou o efeito de reconhecer, explorar, observar e examinar¹. Nesse sentido, Rocha (1996) afirma que o *scouting* é um instrumento que possibilita aos treinadores obterem um conjunto de informações importantes, sobre determinados aspetos, após observação de um determinado objeto, num determinado contexto.

Existe ainda a designação de Prospecção, que na nossa opinião, se trata de um dos objetivos da Observação e Análise do Jogo, referindo-se exclusivamente à Observação e Análise de jogadores com o intuito de identificar talentos.

Apesar de serem referenciadas na literatura diversas nomenclaturas referentes à Observação e Análise do Jogo, aquela que iremos utilizar será a nomenclatura de Observação e Interpretação do Jogo, contemplando i) a observação dos acontecimentos; ii) a notação dos dados; e iii) a análise e interpretação dos dados (Hughes, 1996).

Doravante, será assim utilizada a designação de “Observação e Interpretação do Jogo” e não “Observação e Análise do Jogo”, pois indo ao encontro de Garganta (2016) a análise, por si só, visa a transmissão de informação acerca dos acontecimentos observados e anotados (“quem faz o quê?”; “quando?”; “onde?”), enquanto a interpretação, visa o conhecimento. Ou seja, a interpretação do jogo visa refletir sobre o “porquê?” e o “para quê?” dos eventos do jogo.

2.3.1.2.1. Observação e Interpretação do Jogo no âmbito do Futebol

Com o objetivo de desenvolver instrumentos que possibilitem o entendimento e a compreensão da complexidade do jogo, o Futebol tem-se vindo a desenvolver nos diversos âmbitos de aplicação da ciência (Ferreira, 2010).

¹ *scouting* in Dicionário Infopédia de Inglês|Português (2017), Porto Editora.

Lucas (2001) refere que tem havido uma evolução do futebol, sustentada na investigação, na sistematização, na padronização, na especificação e na estruturação de meios e métodos, com a intencionalidade de controlar e compreender as variantes e os condicionalismos do jogo de Futebol.

Assim sendo, concorrendo para a ideia de Gil (2012) áreas como a fisiologia, a psicologia, a biomecânica, a metodologia do treino, a nutrição, o controlo e a avaliação do treino, a observação, a análise e a interpretação do jogo, entre outros, são cada vez mais parte determinante e influenciadora, na preparação das equipas de Futebol para o desempenho desportivo. Desta forma, atualmente, os treinadores estão rodeados de instrumentos e especialistas das diversas áreas de investigação, sendo-lhes facultado um conjunto de dados e informações que podem contribuir para a melhoria do desempenho desportivo das suas equipas (Lucas, 2001). Daí que uma das áreas da investigação que as ciências do desporto têm demonstrado grande interesse, são os estudos relacionados com os comportamentos dos jogadores e das equipas, no âmbito dos jogos desportivos coletivos (Gil, 2012).

Atualmente, as equipas técnicas auxiliam-se da observação e interpretação do jogo, não apenas para melhorarem os seus conhecimentos acerca do jogo, mas também para melhorarem o desempenho das suas próprias equipas (Duarte, 2015). Deste modo, consideramos que através da observação e interpretação do jogo, os treinadores possuem um conjunto de informação (quer da própria equipa, quer do adversário) de cariz tático, técnico, físico e psicológico que lhes permite obter maior e melhor caracterização das suas equipas e dos seus respetivos adversários (Ventura, 2013). Tais dados e informações permitem que as equipas técnicas possam intervir junto dos jogadores e respetivas equipas, de forma mais adequada, precisa e eficaz (Ventura, 2013).

Garganta (1997) refere que a Análise do Jogo é um meio indispensável para a identificação dos fatores que influenciam o rendimento desportivo e devem ser tidos em consideração na orientação da equipa durante o jogo, bem como na organização do processo de treino. Ainda de acordo com Garganta (2001) a Observação e a Análise do Jogo permite i) identificar e interpretar as ações que contribuem para a qualidade do jogo; ii) planificar e organizar o treino - com a

possibilidade de tornar os conteúdos do treino mais específicos; iii) estabelecer estratégias adequadas, de acordo com o adversário a defrontar; e iv) regular o treino, bem como a respetiva aprendizagem.

Para suportar a ideia do parágrafo anterior e com a qual nos identificamos, Carling, Williams e Reilly (2005) apresentam um modelo acerca do processo de treino, onde procuram dar ênfase à Observação e Análise do Jogo como parte integrante do mesmo, explicando que a Observação e a Análise do Jogo são um meio de avaliação da competição, possibilitando extrair determinados aspetos a melhorar e a potenciar no processo de treino, bem como na competição.

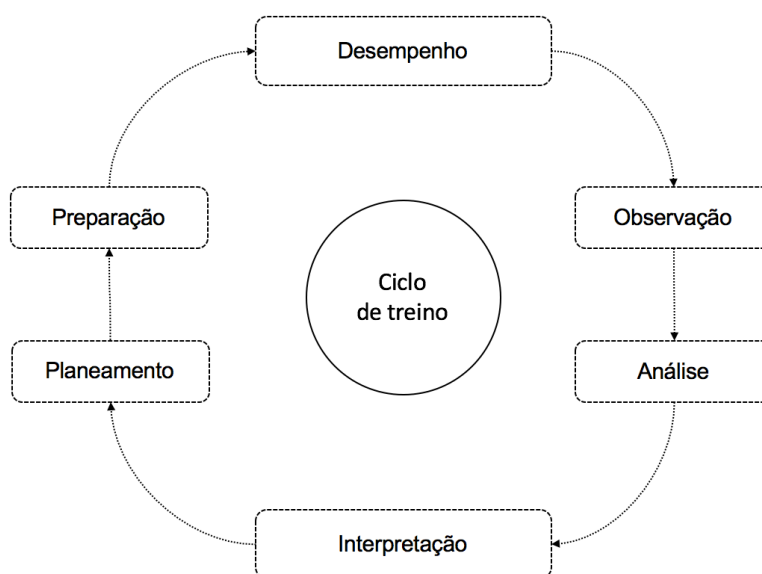


Figura 1 - O ciclo de treino (adaptado de Carling et al., 2005).

De acordo com Carling et al. (2005) após a competição/treino (desempenho) deverá realizar-se a observação e posterior análise do desempenho (em treino e/ou competição). Após a respetiva observação e a análise do jogo surge a interpretação (que deverá ser usada para *feedback* aos jogadores). A interpretação irá permitir que a equipa técnica organize, planeie e prepare as sessões de treino seguintes ao último jogo ou a sessão de treino seguinte à anterior, tendo sempre como objetivo a melhoria do desempenho na competição/treino seguinte (Carling et al., 2005).

Carling et al. (2005) referem ainda que os aspetos técnicos, táticos, físicos e psicológicos, são de extrema importância aquando da observação, análise e interpretação do jogo, todavia, aqueles que merecem especial cuidado e atenção são os de configuração tática. Para a mesma ideia concorre Garganta (2009) referindo que a Análise do Jogo, quando utilizada na sua vertente tática, de modo a identificar regularidades e padrões de jogo, pode ser extremamente útil para as equipas técnicas, nomeadamente, na utilização da informação recolhida para a melhoria da *performance* desportiva, tanto das equipas como dos jogadores que compõem as equipas.

Assim, pode-se afirmar que uma equipa técnica que tenha toda a informação pertinente disponível e acessível, irá procurar antecipar/prever o que poderá acontecer durante o jogo, com a intenção de tirar vantagem da imprevisibilidade do mesmo (Ventura, 2013). Posto isto, consideramos que a observação, a análise e a interpretação do jogo são instrumentos essenciais, quer no treino, quer na competição.

Porém, não caímos na tentação de considerar a observação, a análise e a interpretação do jogo, como o garante da vitória. Pois tal como refere Ventura (2013), a observação, a análise e a interpretação do jogo, apenas podem contribuir para que a vitória possa ser mais facilmente alcançada.

Na nossa opinião, para vencer, torna-se fundamental jogar bem o nosso jogo e levar o adversário a jogar mal o dele.

2.3.1.2.2. A Evolução da Observação, Análise e Interpretação do Jogo

De acordo com Garganta (2001), o estudo do jogo realizado a partir da observação das equipas e dos seus respetivos jogadores não é recente. Desde os anos trinta até aos dias de hoje, o número de estudos de âmbito científico realizado através do recurso à observação, análise e interpretação do jogo, aumentou substancialmente (Garganta, 2001).

Na Tabela 2 pode-se observar um conjunto de estudos realizados no âmbito da observação, análise e interpretação do jogo em futebol. De destacar o elevado número de estudos, que surgiram a partir dos anos 80 e que recorreram à análise do jogo.

Tabela 2 – Alguns estudos sobre análise de jogo, realizados no âmbito do treino e da competição no Futebol, nos últimos 67 anos – 1950 a 2017 (adaptado de Garganta, 2001).

| DATA | AUTOR (PAÍS) | DATA | AUTOR (PAÍS) |
|-------------|--------------------------------|-------------|------------------------------------|
| 1952 | Winterbottom (EUA) | 1995 | Silva (Portugal) |
| 1968 | Reep & Benjamin (Inglaterra) | 1995 | Bacconi & Marella (Itália) |
| 1976 | Reilly & Thomas (Inglaterra) | 1995 | Bezerra (Portugal) |
| 1980 | Gayoso (Espanha) | 1995 | Luhtanen et al. (Finlândia) |
| 1981 | Wrzos (Polónia) | 1995 | Melli (Itália) |
| 1982 | Withers et al. (Austrália) | 1996 | Garganta & Gonçalves (Portugal) |
| 1983 | Franks et al. (Canadá) | 1996 | Larson et al. (Noruega) |
| 1985 | Mayhew & Wenger (Canadá) | 1996 | Loy (Alemanha) |
| 1985 | Talaga (Hungria) | 1996 | Safon-Tria (Espanha) |
| 1985 | Van Gool & Tilborgh (Bélgica) | 1997 | Garganta (Portugal) |
| 1986 | Church & Hughes (Inglaterra) | 1997 | Garganta et al. (Portugal) |
| 1987 | Sledziewski (Polónia) | 1997 | Maçãs (Portugal) |
| 1988 | Ali (Inglaterra) | 1997 | Olsen & Larsen (Noruega) |
| 1988 | Bangsbo & Mizuno (Dinamarca) | 1997 | Verlinden (Bélgica) |
| 1988 | Chervenjakov et al. (Bulgária) | 1998 | Araújo (Portugal) |
| 1988 | Luhtanen (Finlândia) | 1998 | Ardá (Espanha) |
| 1988 | Ohashi et al. (Japão) | 1998 | Ferreira da Silva (Portugal) |
| 1988 | Olsen (Noruega) | 1998 | Silva (Portugal) |
| 1988 | Pollard et al. (Inglaterra) | 1998 | Vales (Espanha) |
| 1988 | Rhode & Espersen (Dinamarca) | 1999 | D'Ottavio & Castagna (Itália) |
| 1988 | Van Gool et al. (Bélgica) | 1999 | Neves da Silva (Portugal) |
| 1989 | Dufour (Bélgica) | 2000 | Ortega (Espanha) |
| 1989 | Gréhaigne (França) | 2000 | Hennig & Briehele (Alemanha) |
| 1990 | Ali & Farraly (Inglaterra) | 2001 | Gréhaigne & Mahut (França) |
| 1991 | Mombaerts (França) | 2001 | O'Donoghue et al. (Inglaterra) |
| 1991 | Partridge & Franks (Canadá) | 2001 | Papadimitriou et al. (Grécia) |
| 1991 | Reilly et al. (Inglaterra) | 2002 | Yoon et al. (Coreia do Sul) |
| 1992 | Castelo (Portugal) | 2005 | Hughes & Franks (Inglaterra) |
| 1992 | D'Ottavio & Tranquili (Itália) | 2005 | Carling et al. (Inglaterra) |
| 1992 | Loy (Alemanha) | 2007 | Jamalian et al. (Irão) |
| 1992 | Winkler (Alemanha) | 2007 | Zhang et al. (Singapura) |
| 1993 | Bishovets et al. (Rússia) | 2007 | Barros et al. (Brasil) |
| 1993 | Claudino (Portugal) | 2007 | Rampinini et al. (Itália) |
| 1993 | Gerish & Reichelt (Alemanha) | 2007 | Di Salvo et al. (Itália) |
| 1993 | Jinshan et al. (Japão) | 2008 | Wang et al. (Taiwan) |
| 1993 | Luhtanen (Finlândia) | 2008 | Ishida & Tanaka (Japão) |
| 1993 | Rebelo (Portugal) | 2009 | Chiang et al. (Taiwan) |
| 1993 | Yamanaka et al. (Japão) | 2009 | Carling et al. (Inglaterra) |

| | | | |
|------|---------------------------------------|------|-------------------------------|
| 2009 | Di Salvo et al. (Itália) | 2013 | Barreira et al. (Portugal) |
| 2009 | Lago (Espanha) | 2014 | Soroka (Polónia) |
| 2010 | Althoff et al. (Alemanha) | 2014 | Nortje et al. (Africa do Sul) |
| 2010 | Ballesteros & Lago-Peñas (Espanha) | 2014 | Barreira et al. (Portugal) |
| 2010 | Lago-Peñas & Dellal (Espanha) | 2014 | Sarmento et al. (Portugal) |
| 2010 | Costa et al. (Brasil) | 2014 | Barreira et al. (Portugal) |
| 2011 | Duk et al. (Polónia) | 2014 | Silva et al. (Portugal) |
| 2011 | Soroka & Bergier (Polónia) | 2014 | Barreira et al. (Portugal) |
| 2011 | Abreu et al. (Portugal) | 2014 | Malta & Travassos (Portugal) |
| 2011 | Jansen et al. (Alemanha) | 2015 | Carling et al. (Inglaterra) |
| 2011 | Castellano (Espanha) | 2015 | Clemente et al. (Portugal) |
| 2011 | Jankovic et al. (Sérvia) | 2015 | Castelão et al. (Portugal) |
| 2011 | Carling (Inglaterra) | 2016 | Silva et al. (Portugal) |
| 2011 | Costa et al. (Brasil) | 2016 | Aquino et al. (Portugal) |
| 2012 | Perl et al. (Alemanha) | 2017 | Ribeiro et al. (Portugal) |
| 2012 | Grunz et al. (Alemanha) | 2017 | Belli et al. (Portugal) |

Dos vários estudos expostos na Tabela 2 pode-se constatar que os autores têm recorrido a diversas categorias de observação e a diferentes níveis de análise. Inicialmente com o objetivo de caracterizar a atividade desenvolvida, durante o jogo de futebol, pelos jogadores e pelas suas respetivas equipas, foram feitos estudos centrados na atividade física imposta aos jogadores (pelo jogo), fundamentalmente no que diz respeito às distâncias percorridas.

Com a evolução da investigação, também o estudo sobre o futebol foi evoluindo. Assim, passou-se a analisar o tempo-movimento do jogador durante o jogo, procurando identificar, detalhadamente, o número, tipo e frequência da atividade/ação motora.

A partir dos anos 90 (sensivelmente), o estudo das habilidades técnicas, também, passou a ser outra das dimensões exploradas no âmbito da observação, análise e interpretação do jogo.

Após o estudo das dimensões atrás referidas (centradas nos aspetos físicos e, posteriormente, nos aspetos técnicos), começou-se a ter consciência de que a dimensão tática também tinha uma importância capital nos Jogos Desportivos Coletivos, especificamente no Futebol. Posto isto, durante a década de 90 e, fundamentalmente, a partir da segunda metade da década de 90, a identificação

de regularidades manifestadas pelos jogadores e pelas equipas durante o jogo, surgiu como uma nova tendência de investigação (Gréhaigne, 1989; Garganta, 1997).

No que à dimensão tática diz respeito, os analistas têm investigado acerca dos dados relacionados com os comportamentos expressos no jogo, com o objetivo de tipificarem as ações que se associem à eficácia dos jogadores e das suas respetivas equipas. Assim sendo, de acordo com Garganta (2001), a investigação no que à dimensão tática diz respeito tem apontado três vias preferenciais: i) centrada na reunião e caracterização de blocos quantitativos de dados; ii) centrada na dimensão qualitativa dos comportamentos, sendo que a dimensão quantitativa funciona como suporte à caracterização das ações, de acordo com a efetividade destas no jogo; e iii) focada para a modelação do jogo, a partir da observação de variáveis técnicas e táticas, bem como da análise da sua covariação.

Se nos diferentes níveis de análise existiu evolução no que à investigação diz respeito, também as categorias de observação pautaram pela evolução. Ou seja, é através dos sistemas de observação que os especialistas procuram desenvolver instrumentos e métodos que lhes permitem agregar toda a informação essencial sobre os jogos de futebol. Assim sendo, podemos constatar que tais sistemas de observação têm sofrido evoluções ao longo das várias décadas, sempre com o objetivo de aperfeiçoar os sistemas precedentes. De acordo com Garganta (2001), inicialmente as observações eram realizadas ao vivo, de forma casual, desorganizada, subjetiva e decorrente de impressões pessoais. Os registos dos comportamentos, quer dos jogadores quer das equipas, eram realizados manualmente e a partir da técnica denominada “papel e lápis” (Garganta, 2001).

Com o surgimento dos meios informáticos, os analistas do jogo passaram a estar na presença de um vasto campo de possibilidades instrumentais, sendo que nos últimos anos tem-se registado uma aposta clara na utilização de metodologias com recurso a instrumentos cada vez mais sofisticados e especializados - nomeadamente a análise do jogo apoiada por computador (Franks, 1987; Grosgeorge, 1990; Dufour, 1993; Garganta, 2001).

De forma resumida, Garganta (2001) apresenta uma ordem cronológica relativamente à evolução dos instrumentos e métodos: i) sistemas de notação manual, com recurso à técnica de papel e lápis; ii) combinação de notação manual com relato oral para ditafone; iii) utilização do computador após observação, para registo, armazenamento e tratamento dos dados; iv) utilização do computador para registo dos dados em simultâneo com a observação, em direto ou em diferido; v) introdução de dados no computador através do reconhecimento de categorias veiculadas pela voz, que segundo os investigadores, poderia facilitar a recolha de dados, bem como referia-se que a utilização do CD-ROM seria uma possibilidade que deveria ser explorada, uma vez que permitia aumentar a capacidade de memória para armazenamento dos dados; vi) o sistema mais evoluído da época - AMISCO - que permitia digitalizar, semi-automaticamente, as ações realizadas pelos jogadores e pelas equipas, registando e monitorizando toda a atividade dos jogadores, seguindo o jogo em tempo real e visualizando todo o terreno de jogo, com o auxílio de 8, 10 ou 12 câmaras fixas.

Atualmente, pode-se constatar que os meios tecnológicos continuam a evoluir de tal forma que, aquilo que se afigurava como sendo de enorme potencial nos finais da década de 90, pouca preponderância assume nos dias de hoje. Isto é, em 1996, referia-se que por exemplo, a utilização do CD-ROM seria uma possibilidade a ser explorada, uma vez que permitia aumentar a capacidade de memória para armazenamento de dados, na ordem dos 740 *megabytes* (1.000 *quilobytes*). Todavia sabemos que, atualmente, é possível efetuar armazenamento de dados na ordem dos dois, três ou quatro *terabytes* (2.000.000.000 *quilobytes*), através de um simples disco externo.

Ou seja, na nossa opinião e corroborando a ideia expressa por Grosgeorge (1990), com a profissionalização das práticas de alto rendimento, com o sem fim de meios financeiros disponíveis e com a utilização do desporto como meio de aplicação da tecnologia, tem havido um grande desenvolvimento da investigação, proporcionando instrumentos e métodos que permitem uma maior e mais rápida recolha de informação, bem como um acesso mais rápido aos dados disponíveis.

2.3.1.2.3. Alcances e Limites da Observação, Análise e Interpretação do Jogo. Não há bela sem senão.

De acordo com Hughes e Franks (1997) o processo de treino visa, fundamentalmente, provocar alterações observáveis no comportamento dos praticantes, com o intuito de que tais alterações tenham o máximo de transference positivo para o contexto de competição e/ou desempenho desportivo. Tal como refere Garganta (2001), o jogo – enquanto confronto de duas equipas, com objetivos antagónicos – surge das ações desenvolvidas e realizadas pelos jogadores/equipas. Desta forma, o maior ou o menor critério na tomada de decisão de um determinado jogador, num determinado contexto, advém de lógicas intimamente relacionadas com a forma como os jogadores assimilam as linhas de força do jogo e do nível do conhecimento tático (declarativo e processual) que os mesmos apresentam (Garganta, 2001).

Não é de admirar, portanto, que a solução encontrada por determinado jogador, na resolução de uma problemática emergida pelo jogo, comporte (quase sempre) uma margem considerável de subjetividade e variabilidade (Garganta, 2001). Deste modo, também os observadores estão sujeitos a tal subjetividade e variabilidade (suscetíveis de incremento com o aumento do número e variabilidade de jogos). Assim, tal como afirma Garganta (2001), a análise sistemática do jogo apenas é fiável se – e só se – os seus propósitos estiverem claramente definidos.

Apesar do referido no parágrafo anterior, na nossa opinião, permanece ainda uma certa resistência à utilização da observação, da análise e da interpretação do jogo, muito devido à visão tradicional de que os treinadores experientes são capazes de observar, analisar e interpretar, qualquer jogo, sem recorrerem à ajuda de métodos observacionais, conseguindo reter com precisão os elementos críticos do jogo (Franks & MacGarry, 1996). Porém, felizmente, estudos realizados por Franks e Miller (1986) revelaram que os treinadores de futebol de nível internacional, conseguiam armazenar na sua memória, apenas 30% dos acontecimentos chave que determinam o sucesso no desempenho desportivo. Num outro estudo, Hughes e Franks (1997) confirmaram que a memória humana é limitada, sendo praticamente impossível recordar, com exatidão, todos os

acontecimentos que se produzem durante a totalidade de um jogo. Daí que coincidamos com Cunha (1999) quando este conclui que quem se limitar apenas à utilização do “olhómetro” para compreender e interpretar o jogo, estará, forçosamente, limitado quanto à riqueza da informação recolhida.

Sabendo-se, ainda, que o processamento da informação visual é extremamente complexo e que os treinadores estão submetidos à forte pressão das emoções e à parcialidade (pois os juízos e conceitos prévios influenciam a forma como se olha, percebe e interpreta a realidade), a observação é necessária e fundamental, tornando-se assim imprescindível conhecer o seu alcance e os seus limites (Garganta, 2001). Então, como alternativa à observação casual e subjetiva, tem-se sugerido e utilizado a observação sistemática e objetiva - a qual tem possibilitado recolher um número significativo de dados sobre o jogo, nomeadamente através de sistemas computadorizados, procurando identificar os elementos críticos do sucesso na prestação desportiva, transformando dados e indicadores em informação fiável e útil (Garganta, 2001).

2.3.1.2.4. Modelo de Observação e Interpretação do Jogo

Na nossa opinião, face ao exposto no subcapítulo anterior, torna-se importante elaborar um modelo de análise que integre os aspetos pertinentes e que auxiliem o desempenho das equipas e dos jogadores, no treino e no jogo.

Assim e indo ao encontro do referido por Castelo (1994), se existe um modelo de jogo, também deverá existir um modelo de observação, análise e interpretação, devendo existir tantos modelos de interpretação do jogo, quantas as conceções de jogo dos treinadores (Castelo, 1994).

Para Garganta (2003), o modelo de jogo deverá nortear todo o processo de treino. Assim, consideramos que as ideias que determinado treinador tiver sobre um determinado jogar, deverão corresponder ao seu modelo de jogo e o treino ao processo aquisitivo de tais ideias/princípios desse mesmo modelo de jogo.

Ou seja, na nossa opinião, se procuramos um jogar, em treino e em competição, de acordo com as ideias que dão princípio a um determinado modelo e que correspondam às ideias do treinador, também se torna fundamental que a condução e respetiva avaliação/reflexão do treino e da competição sejam

orientadas e reguladas pela informação recolhida em treino e em jogo, logo tendo em conta um modelo de observação, análise e interpretação criado.

Foi através da reflexão sobre este último parágrafo que consideramos a Figura abaixo.

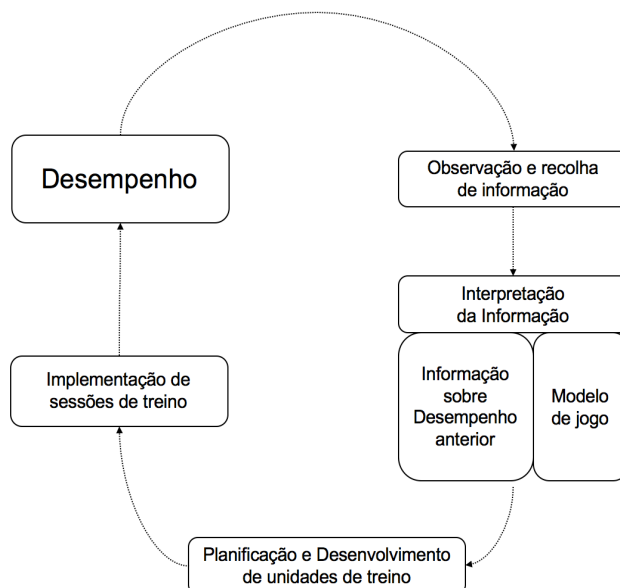


Figura 2 - Interação do processo de observação e interpretação do jogo com o desempenho em treino e em competição.

Consideramos que o modelo de interação do processo de observação e interpretação do jogo, com o desempenho quer em treino quer em competição da Figura 2, apenas será ajustado e útil quando, de acordo com Silva (2014), estiverem definidos todos os elementos a serem observados, analisados e interpretados, bem como os respetivos critérios de avaliação.

Desta forma, aquilo que se pretende é que a informação disponibilizada ao treinador, após o respetivo processo de observação e recolha de informação, bem como após a interpretação da informação, tendo em consideração o desempenho anterior e o modelo de jogo, seja passível de ser utilizada no auxílio à planificação e desenvolvimento das sessões de treino e respetiva implementação das mesmas, durante o microciclo semanal.

Importa ter presente que é de toda a conveniência que se consiga uma relação de congruência entre o jogo que queremos jogar, como jogamos, como jogam os adversários e como treinamos.

2.3.1.2.5. Objetivos da Observação e Interpretação do Jogo

De acordo com a literatura sobre observação e interpretação do jogo, esta assume várias vertentes, dependendo sempre dos objetivos pretendidos.

Isto é, de acordo com Silva (2006), se o objetivo é obter informação relevante acerca das equipas adversárias, estamos na vertente da observação e interpretação dos adversários. Se o objetivo é obter informações acerca da própria equipa, então estamos numa vertente de observação e interpretação da própria equipa. Se o objetivo é realizar avaliações individuais a jogadores, então estamos numa vertente de prospeção de jogadores.

Desta forma, consideramos que a Observação e Interpretação do Jogo tem, pelo menos, os seguintes objetivos: i) observação e interpretação da própria equipa; ii) observação e interpretação dos adversários; e iii) prospeção de jogadores.

2.3.1.2.5.1 Observação e Interpretação da própria equipa

Através do processo de observação e interpretação da própria equipa, pretende-se identificar em competição/desempenho as forças e fraquezas que a nossa equipa apresenta, tendo sempre como referência o jogo/desempenho anterior e o modelo de jogo do treinador/equipa técnica, para que, após a análise e interpretação da respetiva informação recolhida, se possa planificar e desenvolver unidades de treino que ajudem a colmatar os pontos fracos e desenvolvam os pontos fortes da equipa (Lago, 2009).

Ou seja, deve-se utilizar a informação obtida para construir o treino eficaz, procurando melhorar o desempenho dos jogadores e das equipas em competição. Até porque, somos da opinião, que o conhecimento acerca do que a equipa e os seus respetivos jogadores devem realizar – bem como o conhecimento acerca do adversário – aligeira a pressão e promove o foco nas tarefas.

2.3.1.2.5.2 Observação e Interpretação das equipas adversárias

De acordo com Vázquez (2012), quanto maior for o conhecimento do treinador/equipa técnica acerca das características do jogo da equipa adversária – através da identificação de regularidades, bem como de pontos fortes e fracos – mais eficaz será a preparação do microciclo semanal, por esse treinador/equipa técnica. Obtendo informação relevante e de qualidade acerca do adversário, diminuem a probabilidade de serem surpreendidos, bem como organizam, preparam e planeiam, da melhor forma possível, o processo de treino.

Através da informação recolhida acerca das equipas adversárias, os treinadores e respetivas equipas técnicas, procuram criar situações de treino que permitam aos jogadores experienciar e vivenciar contextos ricos de resolução de problemas, tendo em vista a exploração da tomada de decisão do jogador, bem como da sua criatividade “controlada”. Assim, somos da opinião que o jogador possa, desde o início do microciclo semanal, familiarizar-se com aspetos do jogo seguinte.

Com a observação e interpretação dos adversários tem-se também como objetivos, estudar o treinador adversário (Castelo, 2004), transmitir aos jogadores a ideia de que tudo está controlado garantindo a sensação de segurança (Pacheco, 2005), caracterizar as equipas em confronto tentando identificar os respetivos padrões de conduta coletiva e individual (Castelo, 2000; Hughes & Churchill, 2005; Carling & Williams, 2006; Ventura, 2013), procurando explorar os pontos fracos do adversário e contrariar os seus pontos fortes (Garganta, 1998).

Até porque, os comportamentos dos jogadores e das equipas quando observados e analisados várias vezes e no confronto com diferentes oponentes, são suscetíveis de exibir padrões de jogo. Desta forma, consideramos que quando estudamos os adversários, devemos fazê-lo como forma de limitar as suas qualidades, conservando e afirmando as nossas especificidades e identidade como equipa.

De referir também que as informações recolhidas das observações efetuadas, devem ser sintéticas e centradas em problemas assinalados.

2.3.1.2.5.3 Prospecção de jogadores

Com a prospecção de jogadores pretende-se obter um conhecimento alargado no que se refere aos talentos e às características individuais dos jogadores inseridos nos mercados identificados. Desta forma, cria-se uma base de dados e uma rede de contactos que seja expectável de se expressar num determinado investimento desportivo futuro.

Esta atividade tem assumido uma importância crescente nas estruturas profissionais dos clubes. Para isso, os clubes têm investido na criação de uma rede de colaboradores que observam/analisa todos os jogadores de um ou vários mercados identificados, quer a nível nacional ou até mesmo a nível internacional (Ventura, 2013). Também nas estruturas de formação dos clubes tem existido uma crescente exploração desta atividade, pois os clubes pretendem identificar potenciais talentos e anteciparem-se aos restantes clubes na contratação de um determinado ativo (Ventura, 2013).

De referir que, Silva (2006) afirma que a prospecção de jogadores deve ser feita tendo em conta uma de duas visões: i) de acordo com o modelo de jogo da equipa profissional; ii) ou de acordo com o modelo de jogo do clube. Assim sendo, quando se realiza uma determinada observação de jogadores, as características procuradas devem ser enquadradas no modelo de jogo da equipa ou do clube (Silva, 2006).

É pelo motivo acima referido que os clubes definem, criteriosamente, características que os atletas devem apresentar, quer ao nível físico, como ao nível técnico, tático e psicológico, aquando das respetivas observações e análises, de forma a serem considerados como jogadores com perfil para o clube e, por sua vez, para serem tidos em conta numa possível contratação futura (Ventura, 2013).

Quando se observa jogadores de alto rendimento, e.g., Messi, Ronaldo, Neymar, Iniesta, Pogba, apesar de existirem diferenças claras entre eles, pode constatar-se que todos têm algo em comum: a inteligência que expressam quando jogam e a elevada proficiência com que se relacionam com a bola.

Nesse sentido, estas características parecem afigurar-se importantes aquando do desenvolvimento, identificação e/ou seleção de crianças e jovens para o futebol.

Por essa mesma razão, é essencial ter precaução com a avaliação que se realiza relativamente aos aspetos físicos e antropométricos, no momento de se considerar que determinada criança ou jovem revelam, ou não talento, para jogar futebol.

Repare-se, por exemplo, que, sendo Paul Pogba e Andrés Iniesta dois dos jogadores de alto rendimento com maior talento, porém, o primeiro mede 191 centímetros e o segundo 171 centímetros.

Relativamente ao processo de prospeção de jogadores convém refletir, também, sobre a crença de que dons inatos são uma pré-condição para altos desempenhos, pois tal facto, leva a que crianças e jovens não identificados como “talentos” sejam rejeitados ou não se invistam neles (Garganta, 2006).

2.3.1.2.6. Tipos de Observação do Jogo

A observação do jogo pode ser realizada de duas formas: i) através da observação ao vivo de um jogo; ou ii) através da visualização de um jogo por meios audiovisuais.

Na interpretação do jogo, a avaliação das habilidades desportivas quando realizadas em situação de contexto real de jogo - observação direta - de acordo com Blasquez (1990), aporta maior realismo e validade. Sendo que, também de acordo com Blasquez (1990), pode-se optar pela gravação das imagens do jogo para, posteriormente, serem observadas e revistas - observação indireta - as vezes que forem necessárias, incidindo sobre os aspetos que se consideram relevantes e fundamentais.

Pode-se afirmar que é prática comum realizar o acompanhamento de um jogo ao vivo. Este acompanhamento ao vivo permite obter uma perspetiva geral da equipa e até dos comportamentos individuais dos jogadores, principalmente nas ações em que a equipa não tem a bola em sua posse.

Para Philips, Davids, Renshaw e Portus (2010), ao optar-se apenas pela observação indireta – com recurso ao vídeo – corre-se o risco de não ter acesso a uma réplica fiel e ampla da intervenção dos vários jogadores, havendo assim limitações, nomeadamente, ao nível da compreensão das ações intersectoriais e coletivas.

Na nossa opinião, as imagens em vídeo resultante de uma gravação televisiva – que normalmente centra-se apenas no raio de ação da bola – torna a análise menos viável, pois permite apenas aferir sobre as ações individuais, grupais, setoriais e, eventualmente, das intersectoriais próximas à bola.

Convém, porém, referir que, atualmente é possível ter acesso a imagens com amplitudes visuais que abrangem a totalidade do terreno de jogo. Na nossa opinião, mais uma vez, a filmagem em plano aberto é, de facto, essencial para uma análise mais eficaz e correta, pois permite recolher informações que não se consegue com a observação resultante de uma gravação televisiva, em plano mais fechado.

A filmagem em plano aberto permite recolher informação fora do centro de jogo com maior facilidade, bem como ações relacionadas com dinâmicas setoriais, intersectoriais e coletivas - com bola e sem bola - com maior clarividência.

Para isso, a colocação da câmara é fator determinante. Consideramos que a mesma deve ser colocada o mais centrada possível ao terreno de jogo (de acordo com a perspetiva vertical) e num plano superior, de modo a permitir captar o máximo de informação possível. O *zoom* deve ser utilizado de forma adequada, isto é, de acordo com as fases do jogo e de acordo com o posicionamento da bola. Desta forma, deve ser utilizado mais *zoom* em situações de bola parada - situações específicas do jogo que podem ter um impacto significativo no mesmo - e quando a bola está no corredor lateral mais distante da câmara. O *zoom* deverá ser feito de forma gradual para que a imagem não fique desfocada e permitir a visualização da filmagem, as vezes que forem necessárias, com clareza.

Assim, indo ao encontro de Blasquez (1990), da mesma forma que a observação ao vivo ou direta nos dá a possibilidade de ter acesso a todos os intervenientes no jogo na mesma imagem, também com a observação indireta através de um plano de filmagem aberto (ao contrário de um plano de filmagem fechado) é possível ter acesso a todos os intervenientes no jogo na mesma imagem, como possibilita que o jogo seja visualizado as vezes que forem necessárias (Blasquez, 1990).

Posto isto, partilhamos a visão de Ribeiro (2009), quando afirma que é através da conjugação dos dois tipos de observação, anteriormente referidos, que reside o sucesso do processo de observação, pois se as observações diretas são fundamentais, sem as indiretas, o plano do pormenor poderá estar comprometido.

3. Realização da Prática Profissional

Nem tudo o que pode ser contado conta,
nem tudo o que conta pode ser contado.

William Bruce Cameron

No presente capítulo pretende-se explorar, descrever e caracterizar, de forma exaustiva, as práticas profissionais inerentes ao período de estágio – realizado no âmbito da observação e interpretação do jogo, bem como expor reflexões pessoais que foram surgindo ao longo do período de estágio.

Assim sendo, pretende-se abordar aspetos fundamentais relacionados com a prática profissional da observação e interpretação do jogo, evidenciar as atividades realizadas e desenvolvidas durante todo o período de estágio, identificar os problemas e dificuldades sentidas, bem como abordar o sistema de avaliação e controlo do trabalho desenvolvido.

Posto isto e de forma mais detalhada possível, ao longo do presente capítulo procuraremos expor o processo de criação do gabinete de observação e interpretação do clube, bem como todas as tarefas e procedimentos levados a cabo para a realização da observação e interpretação da própria equipa (a nossa principal tarefa).

Para isso, o presente capítulo encontra-se dividido em dois subcapítulos, a saber: i) processo de criação do gabinete de observação e interpretação do Gil Vicente Futebol Clube – descrevendo todo o processo de criação, planeamento, organização e execução do mesmo, bem como das novas dimensões que compõem o referido gabinete de observação e interpretação; ii) observação e interpretação do Gil Vicente Futebol Clube – procurando descrever todas as ações realizadas no âmbito da observação e interpretação da própria equipa, sendo este subcapítulo subdividido em quatro subcapítulos: ii.1) Preparação; ii.2) Observação e Recolha; ii.3) Interpretação; e ii.4) Intervenção.

3.1 Processo de criação do Gabinete de Observação e Interpretação do Gil Vicente Futebol Clube

O Gil Vicente Futebol Clube, aquando do início das nossas funções, não possuía gabinete de observação e interpretação. Aquilo que era realizado e explorado referia-se à observação e descrição de adversários, à gravação de jogos e à compilação de melhores momentos dos jogos do Gil Vicente Futebol Clube, por parte de um funcionário do clube, que trabalhava em estreita ligação com a equipa técnica.

Nesse sentido, a nossa primeira tarefa foi proceder à criação de uma estrutura de apoio à equipa profissional do clube, sob a forma de gabinete, tendo como objetivo primordial, apoiar na otimização do rendimento dos atletas e da equipa. A criação desta estrutura de apoio foi relativamente fácil, pois a direção do clube sempre esteve em sintonia com o projeto por nós proposto. Aquilo que considerámos que tenha sido difícil de compatibilizar foi trabalhar em estreita ligação com o elemento que já realizava a observação e descrição dos adversários do clube, pois não mostrava voluntariedade em cooperar connosco e em facilitar a nossa integração no clube (pelo contrário, até tentou atrasar essa integração). Todavia, com perseverança, respeito, humildade e trabalho diário, fomos conquistando espaço e o respeito de todos.

Posto isto, durante o primeiro mês de trabalho foram definidos os objetivos para os primeiros doze meses do gabinete de observação e interpretação do clube: 1) criação de um espaço para dar forma física ao gabinete – Figura 3; 2) criação do logótipo para o referido gabinete (Figura 4); 3) criação dos modelos de relatório – Figura 5 – a serem utilizados pelos funcionários (de forma a criar a imagem do gabinete e a sua respetiva identidade); e 4) definição das áreas de intervenção do gabinete para apoio, com efeitos imediatos, ao departamento de futebol profissional do clube.

Assim surgiu o Gabinete de Observação e Interpretação do Gil Vicente Futebol Clube.



Figura 3 – Gabinete de Observação e Interpretação do Gil Vicente Futebol Clube – espaço físico.



Figura 4 – Logótipo do Gabinete de Observação e Interpretação do Gil Vicente Futebol Clube – GOI.

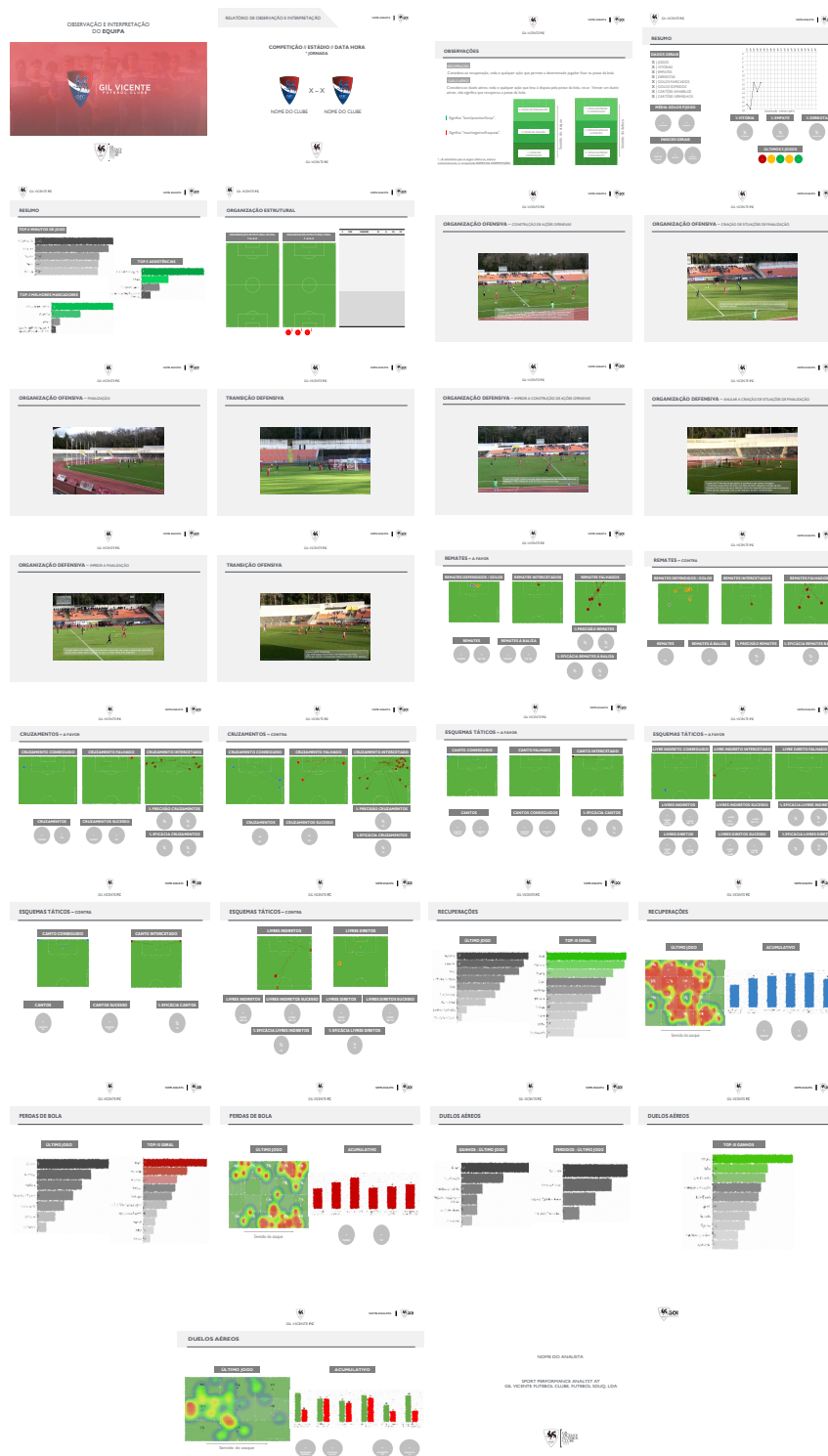


Figura 5 - Modelo de Elaboração de Relatório do Gabinete de Observação e Interpretação do Gil Vicente Futebol Clube.

Todos os objetivos definidos para os primeiros doze meses do gabinete de observação e interpretação do clube foram atingidos.

No decorrer da época desportiva de 2016/2017 o Gabinete de Observação e Interpretação do Gil Vicente debruçou-se no estudo de três grandes áreas, a saber: i) Observação e Interpretação do Gil Vicente Futebol Clube; ii) Observação e Interpretação dos Adversários; e iii) Identificação, Recrutamento e Seleção de Jogadores.

Contando com a participação de 3 funcionários cada um deles era responsável por cada uma das áreas descritas (Tabela 3).

Tabela 3 – Áreas de intervenção do Gabinete de Observação e Interpretação do Gil Vicente Futebol Clube e respetivos funcionários.

| | Áreas de intervenção | Funcionário |
|---|---|--------------------|
| Gabinete de Observação e Interpretação do Gil Vicente Futebol Clube – GOI | Observação e Interpretação do Gil Vicente Futebol Clube | Nelson Duarte |
| | Observação e Interpretação dos Adversários | Pedro Pinto |
| | Identificação, Recrutamento e Seleção de Jogadores | Alberto Silva |

Face ao exposto, nós eramos responsáveis pela realização da Observação e Interpretação do Gil Vicente Futebol Clube. O funcionário Pedro Pinto era o responsável pela realização da Observação e Interpretação dos Adversários. Por fim, o funcionário Alberto Silva era o responsável pela Identificação, Recrutamento e Seleção de Jogadores para o Clube, funcionando em estreita ligação com a Direção do mesmo.

De referir que com o objetivo de desenvolver continuamente o gabinete de observação e interpretação do clube, foi elaborado um documento oficial interno detalhado, da nossa responsabilidade, a ser entregue à Direção do Clube, com os procedimentos a serem realizados, os doze meses seguintes (época desportiva 2017/2018), de forma a contribuir para o desenvolvimento sustentado do Gabinete de Observação e Interpretação do Gil Vicente Futebol Clube, que certamente o levará a níveis de excelência.

3.2 Observação e Interpretação do Gil Vicente Futebol Clube

No que à observação e interpretação do Gil Vicente Futebol Clube diz respeito, esta foi concebida utilizando a nomenclatura definida no modelo integrado de análise qualitativa, elaborado e proposto por Knudson e Morrison (2002) salvo devidas adaptações, no que à definição de cada dimensão diz respeito.

Assim sendo, a Observação e Interpretação do Gil Vicente Futebol Clube é composta pelas quatro fases elaboradas e propostas por Knudson e Morrison (2002), a saber: i) Preparação; ii) Observação e Recolha; iii) Interpretação; e iv) Intervenção.

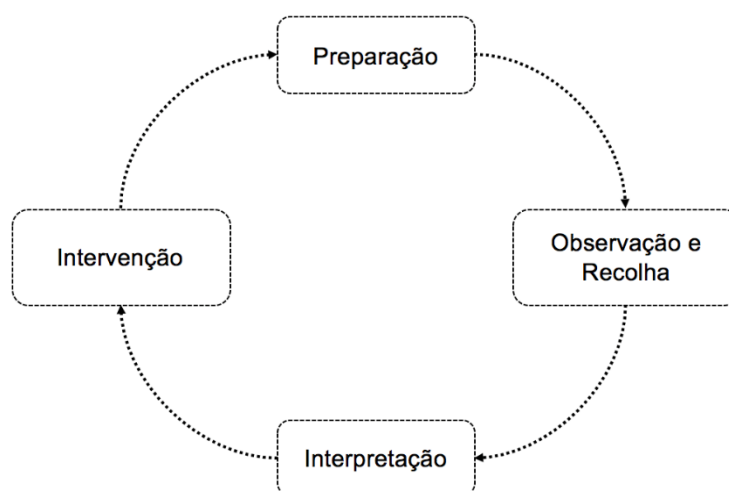


Figura 6 – Fases do processo de observação e interpretação do jogo
(adaptado de Knudson & Morrison, 2002).

Posto isto, parece-nos de importância relevante definir, resumidamente, cada uma das fases definidas anteriormente e que, na nossa opinião, compõem a observação e interpretação do jogo.

Assim sendo, somos da opinião, que na fase de Preparação ocorre a sistematização da observação pelo interveniente/intervenientes, definindo nesta etapa, aquilo que queremos observar (de acordo com o modelo de jogo da equipa técnica, de acordo com a estratégia implementada para o desempenho seguinte e de acordo com o desempenho anterior), como observar, onde observar e quem vai observar.

Na fase de Observação e Recolha realiza-se a observação do jogo propriamente dito, com o intuito de recolher e organizar todo o tipo de informação que consideremos pertinente e relacionada sobretudo, com o modelo de jogo da equipa técnica, com a estratégia implementada para o jogo a observar e com os aspetos positivos e negativos relacionados com o desempenho anterior, para posteriormente iniciar-se a fase de análise e interpretação.

Na fase de Interpretação são tratados, analisados e interpretados os dados recolhidos anteriormente nas observações efetuadas, com o objetivo de melhorar o desempenho desportivo da própria equipa, durante o microciclo semanal da equipa e no jogo seguinte.

Por fim, na fase de Intervenção distribui-se a informação produzida pelos vários intervenientes (equipa técnica e jogadores), bem como procede-se à planificação e desenvolvimento de unidades de treino corretoras e/ou potenciadoras de determinados comportamentos evidenciados no desempenho observado.

De referir todavia, que este não é um ciclo fechado, pois tal como referem Knudson e Morrison (2002), caso necessário, se existirem erros ou desajustes na fase de intervenção (e.g. a planificação e desenvolvimento de unidades corretoras e/ou potenciadoras de determinados comportamentos estarem desajustadas face àquilo que foi observado, analisado e interpretado) é recomendado realizar novamente a observação, a análise, a interpretação e posterior intervenção.

3.2.1 Preparação

Em fase de preparação preenchemos um documento juntamente com a equipa técnica, tendo em conta os aspetos que se querem ver cumpridos durante o próximo desempenho. O documento é redigido com aspetos relacionados com quatro dimensões, a saber: i) aspetos relacionados com o modelo de jogo da equipa técnica; ii) aspetos relacionados com a estratégia implementada para o desempenho seguinte; iii) aspetos positivos relacionados com desempenhos anteriores; iv) aspetos corretivos relacionados com desempenhos anteriores.

Este documento era de elevada importância no que ao processo de preparação da observação e interpretação do jogo diz respeito, pois é a base que permite ao

analista durante o desempenho da própria equipa, identificar os padrões positivos e negativos da mesma, de forma a potenciar os positivos e anular os negativos.

| FASES | MOMENTOS | MODELO DE JOGO | ESTRATÉGIA – DESEMPENHO SEGUINTE | ASPETOS POSITIVOS – DESEMPENHO ANTERIOR | ASPETOS CORRETIVOS – DESEMPENHO ANTERIOR | |
|---------------|------------------------------|-----------------------|----------------------------------|---|--|--|
| ATAQUE | TRANSIÇÃO OFENSIVA | | | | | |
| | CONTRA-ATAQUE | | | | | |
| | ATAQUE RÁPIDO | | | | | |
| | ORGANIZAÇÃO OFENSIVA | CONSTRUÇÃO | | | | |
| | | CRIAÇÃO | | | | |
| | | FINALIZAÇÃO | | | | |
| FASES | MOMENTOS | MODELO DE JOGO | ESTRATÉGIA – DESEMPENHO SEGUINTE | ASPETOS POSITIVOS – DESEMPENHO ANTERIOR | ASPETOS CORRETIVOS – DESEMPENHO ANTERIOR | |
| DEFESA | TRANSIÇÃO DEFENSIVA | | | | | |
| | RECUPERAÇÃO IMEDIATA DA BOLA | | | | | |
| | ORGANIZAÇÃO DEFENSIVA | IMPEDIR A CONSTRUÇÃO | | | | |
| | | ANULAR A CRIAÇÃO | | | | |
| | | IMPEDIR A FINALIZAÇÃO | | | | |

Figura 7 – Documento preparatório para a observação e interpretação do desempenho da própria equipa.

Na nossa opinião, disponibilizar à equipa técnica o documento preparatório para a observação e interpretação da própria equipa (Figura 7), foi das melhores decisões tomadas, pois ao longo do ano, o gabinete de observação e interpretação do Gil Vicente Futebol Clube, bem como a equipa técnica do clube tinham clara noção, jogo após jogo, de todos os aspetos positivos e negativos relacionados com o processo de desenvolvimento da ideia de jogo da equipa e, desta forma, tornava todo o processo bastante mais eficaz. Além disso, permitia diminuir a variabilidade e subjetividade, a que o analista estaria sujeito, em todo o processo de observação, análise e interpretação.

Na fase de preparação, não havia necessidade de definir quem e onde vai observar, pois o responsável pela observação e interpretação da própria equipa era sempre o mesmo funcionário (tal como já referido na Tabela 3). Uma vez que se deslocava juntamente com toda a equipa, não havia qualquer tipo de necessidade e preocupação com o planeamento das deslocações.

De referir que a Direção do Clube não possuía disponibilidade financeira para permitir a deslocação de funcionários do gabinete de observação e interpretação do Clube para fora de Portugal Continental. Assim, foram realizadas observações diretas em todos os locais onde a equipa do Gil Vicente Futebol Clube jogou, com a exceção das deslocações às ilhas dos Açores e da Madeira. No que às exceções dizem respeito, optaram-se pelas observações indiretas.

Admitimos que, na nossa opinião, é desconfortante constatar que a Direção do clube não possuía disponibilidade para permitir a deslocação de funcionários do gabinete de observação e interpretação do Clube fora de Portugal Continental, quando possuía disponibilidade para fazer viajar elementos da estrutura diretiva, que pouco ou nada contribuíam no auxílio à equipa de futebol profissional durante os seus desempenhos.

Uma vez mais, estamos na presença de situações que acontecem com maior frequência em Clubes portugueses e que urge uma mudança célere de paradigma, pois só demonstra a importância que vários dirigentes, com capacidade para influenciar o destino de determinado Clube, dão à observação e interpretação de jogo.

Tabela 4 – Planeamento das observações e interpretações diretas da própria equipa.

| Data | Analista | Equipa a observar | Local | Hora | Jogo |
|-------------|-----------------|--------------------------|---------------------|-------------|---------------------------------------|
| 13/07/2016 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Barcelos | 18:00 | Gil Vicente FC x Juniores Gil Vicente |
| 16/07/2016 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Matosinhos | 17:30 | Leixões x Gil Vicente |
| 20/07/2016 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Merelim | 18:00 | Merelinense x Gil Vicente |
| 21/07/2016 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Oliveira de Azeméis | 17:30 | Oliveirense x Gil Vicente |

| | | | | | |
|------------|---------------|----------------|---------------------|-------|-----------------------------------|
| 23/07/2016 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Barcelos | 20:30 | Gil Vicente x União da Madeira |
| 30/07/2016 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Barcelos | 18:00 | Gil Vicente x Académica |
| 06/08/2016 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Barcelos | 18:00 | Gil Vicente x Varzim |
| 13/08/2016 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Vizela | 16:00 | Vizela x Gil Vicente |
| 19/08/2016 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Seixal | 18:00 | Benfica B x Gil Vicente |
| 24/08/2016 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Barcelos | 17:00 | Gil Vicente x Académico de Viseu |
| 11/09/2016 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Barcelos | 16:00 | Gil Vicente x Desportivo das Aves |
| 17/09/2016 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Montijo | 16:00 | Sporting B x Gil Vicente |
| 21/09/2016 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Barcelos | 16:00 | Gil Vicente x Freamunde |
| 28/09/2016 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Matosinhos | 16:00 | Leixões x Gil Vicente |
| 02/10/2016 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Barcelos | 16:00 | Gil Vicente x Braga B |
| 16/10/2016 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Barcelos | 15:00 | Gil Vicente x Casa Pia |
| 19/10/2016 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Penafiel | 16:00 | Penafiel x Gil Vicente |
| 08/10/2016 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Barcelos | 11:15 | Gil Vicente x Olhanense |
| 26/10/2016 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Vizela | 15:00 | Vizela x Gil Vicente |
| 30/10/2016 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Coimbra | 15:00 | Académica x Gil Vicente |
| 06/11/2016 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Barcelos | 11:15 | Gil Vicente x Portimonense |
| 18/11/2016 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | São João da Madeira | 14:00 | Sanjoanense x Gil Vicente |
| 23/11/2016 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Guimarães | 15:00 | Vitória B x Gil Vicente |
| 27/11/2016 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Barcelos | 15:00 | Gil Vicente x Porto B |
| 04/12/2016 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Almada | 15:00 | Cova da Piedade x Gil Vicente |
| 10/12/2016 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Barcelos | 15:00 | Gil Vicente x Covilhã |
| 18/12/2016 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Felgueiras | 15:00 | Fafe x Gil Vicente |
| 21/12/2016 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Barcelos | 15:00 | Gil Vicente x União da Madeira |
| 08/01/2017 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Famalicão | 16:00 | Famalicão x Gil Vicente |
| 15/01/2017 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Póvoa do Varzim | 15:00 | Varzim x Gil Vicente |
| 22/01/2017 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Barcelos | 15:00 | Gil Vicente x Vizela |
| 28/01/2017 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Barcelos | 15:00 | Gil Vicente x Benfica B |

| | | | | | |
|------------|---------------|----------------|----------------------|-------|--------------------------------------|
| 05/02/2017 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Viseu | 15:00 | Académico de Viseu x Gil Vicente |
| 12/02/2017 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Barcelos | 11:15 | Gil Vicente x Santa Clara |
| 15/02/2017 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Vila das Aves | 15:00 | Desportivo das Aves x Gil Vicente |
| 19/02/2017 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Barcelos | 15:00 | Gil Vicente x Sporting B |
| 26/02/2017 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Freamunde | 15:00 | Freamunde x Gil Vicente |
| 05/03/2017 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Barcelos | 15:00 | Gil Vicente x Leixões |
| 11/03/2017 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Braga | 11:00 | Braga B x Gil Vicente |
| 15/03/2017 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Barcelos | 15:00 | Gil Vicente x Penafiel |
| 19/03/2017 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Olhão | 16:00 | Olhanense x Gil Vicente |
| 02/04/2017 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Barcelos | 15:00 | Gil Vicente x Académica |
| 09/04/2017 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Portimão | 11:00 | Portimonense x Gil Vicente |
| 15/04/2017 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Barcelos | 15:00 | Gil Vicente x Vitória B |
| 19/04/2017 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Vila Nova de Gaia | 16:00 | Porto B x Gil Vicente |
| 23/04/2017 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Barcelos | 15:00 | Gil Vicente x Cova da Piedade |
| 30/04/2017 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Covilhã | 11:00 | Covilhã x Gil Vicente |
| 07/05/2017 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Barcelos | 16:00 | Gil Vicente x Fafe |
| 21/05/2017 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Barcelos | 16:00 | Gil Vicente x Famalicão |

Tabela 5 – Planeamento das observações e interpretações indiretas da própria equipa.

| Data | Analista | Equipa a observar | Local | Hora | Jogo |
|-------------|-----------------|--------------------------|---------------|-------------|-----------------------------------|
| 28/08/2016 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | São Miguel | 18:00 | Santa Clara x Gil Vicente |
| 25/09/2016 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Rabo de Peixe | 16:00 | Rabo Peixe x Gil Vicente |
| 14/05/2017 | Nelson Duarte | Gil Vicente FC | Funchal | 16:00 | União da Madeira x Gil Vicente |

Em termos de materiais, colocámos à disposição do Gil Vicente Futebol Clube, sem qualquer tipo de encargo para o mesmo, o *software* “*Video Observer*”.

O *Video Observer* caracteriza-se por ser uma ferramenta profissional de análise de vídeo, onde é possível registar dados (qualitativos e quantitativos) em tempo real, efetuar análise de vídeo, bem como realizar relatórios e estatísticas.

Esta ferramenta profissional era por nós utilizada, para a recolha e posterior análise e interpretação do Gil Vicente Futebol Clube.

3.2.2 Observação e Recolha

Em fase de observação e recolha é tomada em consideração o documento redigido em fase de preparação, tal como já referido (Figura 7). Assim sendo, durante o desempenho da própria equipa, o analista guiar-se-á pelos aspetos definidos no documento preparatório para a observação, recolha e interpretação do desempenho do Gil Vicente Futebol Clube.

No intervalo de cada jogo da nossa equipa, deslocávamo-nos ao balneário para mostrar à equipa técnica os aspetos determinantes (positivos e negativos) da primeira parte (incidindo mais sobre a dimensão estratégica definida no documento preparatório). Caso a equipa técnica pretendesse, mostravam-se aos jogadores alguns aspetos relacionados com a primeira parte do desempenho. De referir também que, durante todo o desempenho, estávamos em permanente contacto com a equipa técnica e, caso necessário, era enviado para o banco de suplentes, imagens e/ou pequenos vídeos relacionados com os comportamentos coletivos, intersectoriais e/ou setoriais da equipa.

A recolha era realizada através da utilização do *software* “*Video Observer*”, pois tal ferramenta permite recolher os dados considerados pertinentes em tempo real (de acordo com o documento redigido na fase de preparação), organizados e distribuídos por categorias e pelos diferentes momentos do jogo definidos (Tabela 6).

Para além do exposto, independentemente da utilização do documento com as linhas orientadoras a considerar, a informação recolhida era organizada pelos diversos momentos de jogo.

Desta forma, reconhecemos seis momentos de jogo distintos, três em cada fase de jogo – fase ofensiva e fase defensiva – Tabela 6 e Figura 8.

De referir que, também, dividimos a organização ofensiva e defensiva em sub-momentos. A organização ofensiva dividimos em i) construção de ações ofensivas, ii) criação de situações de finalização e iii) finalização. Relativamente à organização defensiva, dividimos a mesma em ii) impedir a construção de ações ofensivas, ii) anular a criação de situações de finalização e iii) impedir a finalização.

Tabela 6 – Fases e momentos do jogo.

| Fase Ofensiva | | | Fase Defensiva | | |
|-------------------------------|-------------------------------------|-------------|---|--|-----------------------|
| Organização Ofensiva | | | Organização Defensiva | | |
| Construção de ações ofensivas | Criação de situações de finalização | Finalização | Impedir a construção de ações ofensivas | Anular a criação de situações de finalização | Impedir a finalização |
| Transição Ofensiva | | | Transição Defensiva | | |
| Esquemas Táticos Ofensivos | | | Esquemas Táticos Defensivos | | |

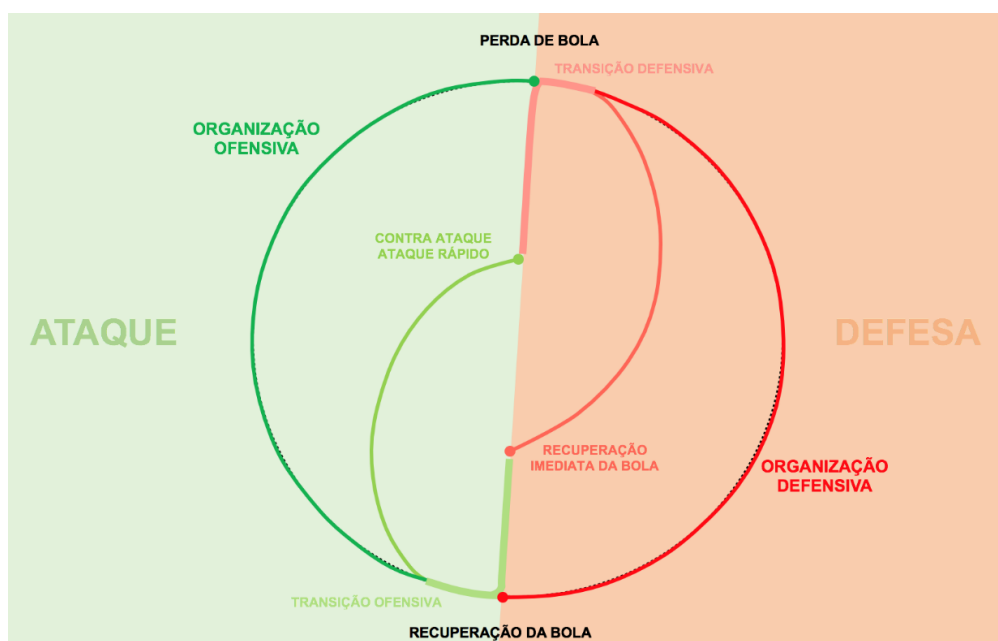


Figura 8 – Modelo de interação entre os diferentes momentos de jogo.

Consideramos que existe uma relação cíclica entre os diferentes momentos de jogo. Assim, tal como ilustra a Figura 8, dividimos a fase ofensiva (ataque) em três cores diferentes (verde escuro, verde intermédio e verde claro), bem como dividimos a fase defensiva (defesa) em três cores distintas (vermelho escuro, vermelho intermédio e vermelho claro).

Na nossa opinião, quando uma equipa está na posse da bola, está na sua fase ofensiva (ataque), em momento de organização ofensiva (verde escuro). No momento em que perde a bola, a equipa entra em momento de transição defensiva (vermelho claro). Este “novo” momento tem uma duração curta (breves segundos) e, a partir do momento em que a equipa toma uma decisão (recuperar imediatamente a posse da bola ou entrar em organização defensiva), deixa de estar em transição defensiva. Assim, a equipa sem bola, ou toma a decisão de recuperar imediatamente a posse da bola (vermelho intermédio) e, de seguida, inicia a sua transição ofensiva (verde claro), ou toma a decisão de entrar em organização defensiva (vermelho escuro), até recuperar a posse da bola (iniciando, posteriormente, a sua transição ofensiva – verde claro). No instante em que a equipa conquista a posse da bola, passa a estar em momento de transição ofensiva (breves segundos) até, mais uma vez, tomar uma de duas opções: i) ou explorar a transição defensiva do seu adversário (e aí ou opta por contra-atacar ou por realizar um ataque rápido – verde intermédio); ou ii) opta por realizar um ataque organizado (logo iniciando a sua organização ofensiva – verde escuro).

Na nossa opinião, as transições (ofensivas e defensivas) são os momentos críticos do jogo, pois são breves momentos (segundos) em que a equipa que perde ou ganha a bola encontra-se desorganizada para realizar as novas funções que têm que assumir. Daí que, variadíssimas equipas quando conquistam a posse da bola, aproveitam para explorar a desorganização momentânea do seu adversário.

Quanto ao número de observações realizadas ao Gil Vicente Futebol Clube, podemos constatar que as observações diretas foram muito superiores face ao número das observações indiretas (Tabela 7), face ao elucidado num dos parágrafos anteriores.

Tabela 7 – Número de observações efetuadas ao Gil Vicente Futebol Clube.

| Competição | Analista | Total de Observações e Análises | Tipo de Observações | |
|--------------------------|---------------|------------------------------------|---------------------|----------|
| | | | Direta | Indireta |
| Ledman LigaPro | Nelson Duarte | 42 | 40 | 2 |
| Taça Portugal Placard | Nelson Duarte | 3 | 2 | 1 |
| Taça CTT | Nelson Duarte | 2 | 2 | 0 |
| Jogos Preparação | Nelson Duarte | 5 | 5 | 0 |
| Total | | 52 | 49 | 3 |

Tal como já referido anteriormente, as observações indiretas aconteceram devido ao facto de o Clube não ter disponibilidade financeira para fazer deslocar vários elementos da equipa técnica às ilhas dos Açores e da Madeira. Assim sendo, as três observações indiretas realizadas dizem respeito aos jogos efetuados pelo Gil Vicente Futebol Clube, na ilha de São Miguel (frente ao Santa Clara e Rabo Peixe) e na ilha da Madeira (frente ao União da Madeira).

3.2.3 Interpretação

Nesta fase do processo de interpretação da própria equipa era tratada, analisada e interpretada, a informação anteriormente recolhida, durante as observações efetuadas. Tínhamos como objetivo, interpretar as condutas comportamentais da equipa, nomeadamente, i) procurar interpretar se os pressupostos relacionados com o modelo de jogo da equipa técnica foram cumpridos, quais não foram e porque é que não foram; ii) procurar interpretar se os aspetos relacionados com a estratégia definida para o desempenho foram levados a cabo e se não foram porque é que não foram; e iii) interpretar se os aspetos corretivos relacionados com o desempenho anterior foram, de facto, corrigidos.

Para isso, elaborávamos alguns “documentos/instrumentos”, onde compilávamos toda a informação considerada pertinente e relevante (de acordo com os critérios definidos no parágrafo anterior) a ser transmitida à equipa técnica e, posteriormente, aos jogadores. Assim sendo, preparávamos três tipos

de “documentos/instrumentos”, a saber: i) relatório de observação e interpretação coletivo (Figura 9); ii) compacto de vídeo coletivo (Figura 10); iii) compactos de vídeo individuais (Figura 11).

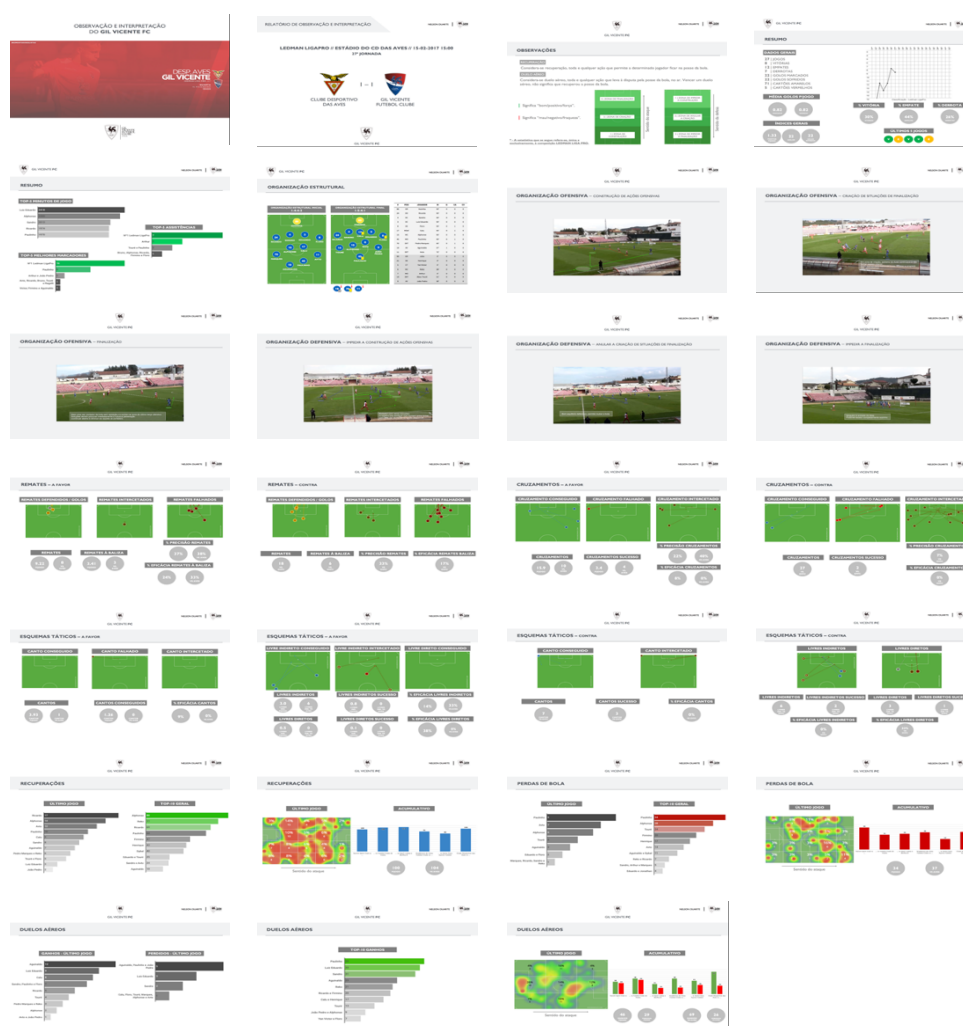


Figura 9 – Relatório de observação e interpretação coletivo.

O primeiro diapositivo do relatório de observação e interpretação coletivo – Figura 9, refere-se à capa do relatório. Em cada relatório, era colocada uma capa diferente (relacionada com o jogo a que se refere o respetivo relatório).

O segundo diapositivo contém informação referente à competição a ser disputada, jornada local, data e hora do encontro. Ainda, contém o símbolo de cada equipa em confronto com o respetivo resultado final.

O terceiro diapositivo diz respeito a um conjunto de observações, para que o leitor antes de avançar na leitura do relatório, compreenda determinadas terminologias utilizadas ao longo do mesmo.

Os diapositivos quatro e cinco, são um resumo geral de dados relacionados com o Gil Vicente Futebol Clube, nomeadamente, a média de golos por jogo, percentagem de vitórias, classificação, número de cartões amarelos e vermelhos, número de jogos, número de vitórias, derrotas e empates, bem como o top-5 de jogadores com mais minutos jogados em determinada competição, o top-5 de melhores marcadores e o top-5 de assistências.

O sexto diapositivo informa sobre as estruturas organizacionais adotadas, no início da partida, bem como no final da mesma. Também há uma referência ao número de minutos jogados por cada jogador, o número de cartões amarelos e vermelhos, as substituições, bem como o número de golos marcados por cada jogador nesse jogo.

Do diapositivo sete ao diapositivo 12, é realizada uma análise qualitativa, em vídeo, incidindo sobre os pressupostos relacionados com o modelo de jogo da equipa técnica, incidindo sobre a estratégia definida para esse jogo e refletindo sobre os aspetos corretivos relacionados com o desempenho anterior.

Do diapositivo 13 ao diapositivo 20, são abordados os aspetos quantitativos relacionados com o desempenho, fazendo referência ao número de remates, cruzamentos e esquemas táticos de cada equipa em confronto, bem como as suas respetivas precisões e eficácias. No que ao Gil Vicente Futebol Clube diz respeito, cada diapositivo apresenta duas precisões e duas eficácias de cada ação, pois uma diz respeito à eficácia e à precisão geral e a outra diz respeito à eficácia e à precisão daquele jogo.

Por fim, do diapositivo 21 ao diapositivo 27 apresentamos as recuperações de bola, as perdas de bola e os duelos aéreos (ganhos e perdidos) do último jogo, bem como é identificado o top-5 dos melhores recuperadores de bola, o top-5 dos jogadores que mais perdem bola e o top-5 dos jogadores que mais duelos aéreos ganham.

De referir que cada componente (recuperações, perdas e duelos aéreos) apresenta o seu respetivo *heatmap* (referente ao jogo a que o relatório trata), bem como o histórico dos últimos seis jogos.



Figura 10 – Compacto de vídeo coletivo.

O compacto de vídeo coletivo (Figura 10), nem sempre obedece à mesma estrutura, pois apesar de subdividirmos a fase ofensiva e a fase defensiva em vários momentos distintos, tal como já referido (Tabela 6), nem sempre abordamos todos esses momentos na palestra à equipa. Isto porque, de acordo com os objetivos da equipa técnica, apenas são mostrados os momentos que a mesma considerar pertinente mostrar aos jogadores.



Figura 11 – Compactos de vídeo individuais.

Nos compactos de vídeo individuais procura-se mostrar aos jogadores detalhes determinantes das suas atuações que deverão e poderão ser melhoradas, de forma a potenciarem os seus respetivos desempenhos individuais. Estes compactos de vídeo individuais são mostrados aos jogadores no gabinete de observação e interpretação do clube, individualmente e no início da semana preparatória do jogo seguinte (de forma a que os jogadores tenham consciência dos erros o mais cedo possível e, conseqüentemente, para que se possam preparar melhor durante a semana de treinos seguinte, procurando assim corrigir os erros identificados).

3.2.4 Intervenção

O principal objetivo com a preparação, a observação, a recolha e a interpretação é produzir informação relevante sobre a equipa, para o treinador e respetiva equipa técnica, de modo a que, desta forma, seja possível planificar e desenvolver unidades de treino e, posteriormente, implementar sessões de treino corretivas e/ou exploratórias dos pressupostos abordados no respetivo relatório de observação e interpretação da própria equipa.

Assim sendo, na nossa qualidade de estagiário, procurávamos fornecer as informações relativas ao último desempenho da nossa equipa, no menor espaço de tempo possível, para que a equipa técnica pudesse preparar a semana de treinos seguinte ao desempenho anterior, com tempo suficiente. Desta forma, existiam dois ciclos padrão de intervenção que eram utilizados de acordo com o volume competitivo semanal da equipa do Gil Vicente Futebol Clube.

O primeiro ciclo padrão (Figura 12), era utilizado quando a equipa tinha uma semana completa de preparação entre jogos (exemplo: jogo domingo – sábado/domingo).

O segundo ciclo padrão (Figura 13) era utilizado quando a equipa tinha apenas alguns dias de preparação entre jogos (exemplo: jogo domingo – quarta – domingo).

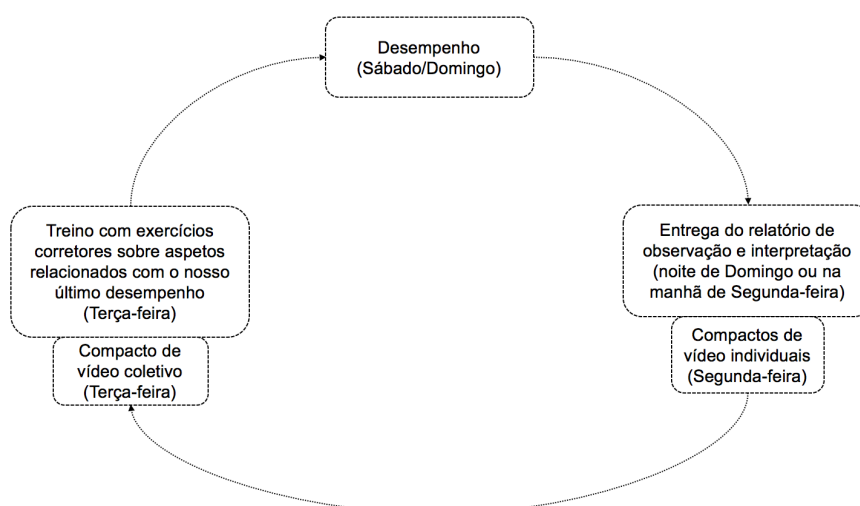


Figura 12 – 1º Ciclo padrão de intervenção.

No 1º ciclo padrão de intervenção disponibilizávamos (em suporte digital e em papel) o relatório de observação e interpretação durante a noite do desempenho ou na manhã do dia seguinte ao desempenho, a toda a equipa técnica. Durante o dia seguinte ao desempenho anterior mostrávamos compactos de vídeo individuais (Figura 11) a determinados jogadores, de forma a poderem abordar a nova semana de treinos, com os aspetos determinantes, sobre o último desempenho, corrigidos. Dois dias depois do desempenho anterior mostrávamos, em auditório, o compacto de vídeo coletivo (Figura 10) aos jogadores. Todas as palestras eram orientadas pelo estagiário.

De referir que toda a transmissão da informação (quer coletiva, quer individual) era da responsabilidade do estagiário, no entanto, toda a equipa técnica tinha conhecimento prévio de toda a informação que era transmitida aos jogadores.

Posteriormente, durante o segundo dia seguinte ao desempenho anterior eram realizados exercícios corretores, sobre os pressupostos/dinâmicas menos positivas do último desempenho (identificados no relatório de observação e interpretação da própria equipa) e que tinham sido planificados e desenvolvidos durante o dia seguinte ao desempenho, após visualização do relatório de observação e interpretação da própria equipa.

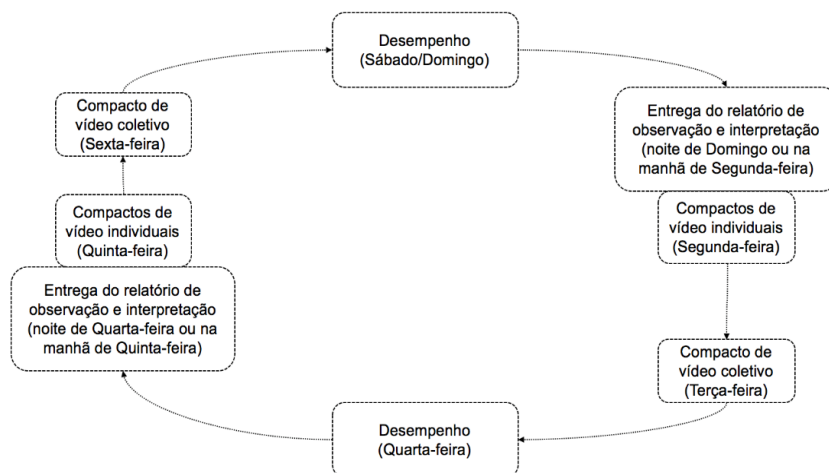


Figura 13 – 2º Ciclo padrão de intervenção.

No 2º ciclo padrão de intervenção disponibilizávamos igualmente (em suporte digital e em papel) o relatório de observação e interpretação durante a noite do desempenho ou na manhã do dia seguinte ao desempenho, a toda a equipa técnica. Durante o dia seguinte ao desempenho anterior mostrávamos, igualmente, compactos de vídeo individuais (Figura 11) a determinados jogadores, de forma a poderem abordar a nova semana de treinos, com os aspetos determinantes, sobre o último desempenho, corrigidos. Dois dias depois do desempenho anterior mostrávamos, em auditório, o compacto de vídeo coletivo (Figura 10) aos jogadores.

A diferença do 1º ciclo padrão (Figura 12) para o 2º ciclo padrão (Figura 13) está na planificação, desenvolvimento e implementação de unidades de treino corretivas sobre os pressupostos/dinâmicas menos positivas do último jogo. Isto é, como no 2º ciclo padrão apenas haviam alguns dias de preparação para o próximo desempenho, não eram realizados exercícios corretivos (ao contrário do 1º ciclo padrão). Apenas havia a visualização, por parte dos atletas, dos compactos de vídeo (individuais e coletivos).

De referir que no que à observação e interpretação do Gil Vicente Futebol Clube diz respeito, toda a dinâmica aqui exposta foi de difícil execução durante o primeiro mês, pois estávamos (equipa técnica e elementos que compunham o

gabinete de observação e interpretação) em período de adaptação a uma nova realidade e a uma nova dinâmica de trabalho.

Podemos concluir que a pré-época foi muito enriquecedora, pois permitiu otimizar dinâmicas de trabalho internas. Durante o período competitivo, todo o processo foi-se tornando cada vez mais fluído e rico, ao ponto de termos sido convidados pelo treinador Álvaro Magalhães e por toda a sua estrutura técnica a abraçar um novo desafio.

4. Conclusões e Perspetivas de Futuro

Falhei mais de nove mil cestos em toda a minha carreira. Perdi quase trezentos jogos.

Em 26 ocasiões, tive a oportunidade de realizar os pontos da vitória e falhei.

Falhei vezes sem conta em toda a minha carreira, mas
foi exatamente por isso que tive sucesso.

Mickael Jordan

Espera-se que este documento possa servir de referência para estudos futuros e assim contribuir para aprofundar a resposta a problemas que o presente relatório não esgota.

Temos a perfeita noção de que tal como refere Manuel Sérgio, “quem só teoriza, pouco sabe e quem só pratica, repete”.

Com este relatório pretendeu-se abordar a teoria de uma determinada prática, pois na nossa opinião, qualquer teoria será tanto mais enriquecedora, valiosa, educativa e produtiva quanto mais ligada estiver a uma determinada prática. Assim, procuramos associar a teoria sobre a observação e interpretação do jogo com a sua prática, numa instituição desportiva de reconhecido mérito e integrada no sistema desportivo português – no Gil Vicente Futebol Clube.

Admitimos que durante todo o ano e todos os anos, as pessoas (sejam de que áreas forem) deveriam realizar um relatório profissional de trabalho. Não para entregarem a algum supervisor com cariz de obrigatoriedade, mas sim como ato de reflexão pessoal. Isto porque, é o segundo ano consecutivo que realizamos um relatório de estágio (que foram escritos semanalmente, ao longo dos vários meses do ano) e apesar de ter sido elaborado em dois clubes diferentes, em dois contextos diferentes e com abordagens distintas, são comuns nas evidências retiradas: tornam toda a atividade realizada mais clara e objetiva. Isto é, ajuda a elevar o raciocínio para patamares superiores na resolução de problemas, auxilia na melhor tomada de decisão e auxilia na clarificação das ideias. Porque, na nossa opinião, escrever um relatório é uma espécie de reflexão sobre todo o processo em que estamos envolvidos e se tal hábito for realizado semanalmente

(no final de cada semana, por exemplo) tornará qualquer procedimento mais coerente, evidente, sistemático e orientador – tal e qual senti.

Com a realização do estágio no Gil Vicente Futebol Clube podemos concluir que foi um projeto, uma implementação e uma execução frutuosa. Frutuosa porque quando chegámos ao Clube, apenas era realizada a observação e descrição dos adversários, bem como a identificação, recrutamento e seleção de jogadores, mas tudo de forma fracionada e individual. Além de que, lamentavelmente, no Gil Vicente Futebol Clube e, talvez, na grande maioria dos clubes em Portugal, a observação e interpretação de jogo (e a própria criação de um gabinete de observação e interpretação) é entendida como um problema e como um recurso (visão de curto prazo). Ao contrário, deveria de ser encarada como uma solução necessária e fundamental para ajudar no desempenho dos jogadores, bem como no auxílio à equipa técnica e clube (visão de longo prazo).

Assim, em comparação entre aquilo que encontramos no Gil Vicente Futebol Clube e aquilo que foi criado e realizado durante o ano de estágio, podemos dizer que atualmente o clube possui um gabinete de observação e interpretação, com espaço físico, com uma imagem própria, com áreas de intervenção bem identificadas e em estreita colaboração com a equipa técnica e jogadores.

Possui também modelos de relatórios individuais e coletivos, com uma base de dados de identificação, recrutamento e seleção de jogadores, disponível a todos aqueles que lhes é facultada a permissão.

No gabinete de observação e interpretação do Gil Vicente Futebol Clube iniciou-se um apoio constante aos atletas, com sessões individuais, grupais e setoriais, semana após semana, com o objetivo de potenciar o rendimento de cada jogador, procurando que cada um tenha a possibilidade de falhar menos e melhor no desempenho seguinte.

Atualmente, o Gil Vicente Futebol Clube possui um gabinete de observação e interpretação em funcionamento, de forma integradora, dinâmico e eficaz, pronto para dar resposta aos desafios do futuro.

De referir ainda que ser parte ativa em todo o processo de criação do gabinete de observação e interpretação do Gil Vicente, assim como das áreas de intervenção de cada dimensão que compõem o gabinete, foi uma tarefa ímpar.

Não é todos os dias que temos a oportunidade de agarrar uma experiência desta dimensão, que nos leve à superação constante, que nos impele a procurar mais e melhor todos os dias, que nos leve a estar a par de tudo o que é feito na área para depois tentar fazer mais, que nos impulsiona a criar, mais e melhor.

Ao longo do presente ano desportivo, mais do que ter adquirido ensinamentos e experiências ricas, adquirimos, fundamentalmente, hábitos importantes. Hábitos esses que consideramos essenciais, enquanto ser humano e, necessariamente, enquanto ser de transição. Neste particular invocamos Sísifo, que colocava todo o seu esforço para erguer a enorme pedra, para rolá-la e ajudá-la a levar a cabo uma subida cem vezes recomeçada. Após uma longa subida, a pedra acabará, sempre, por resvalar em poucos instantes para o mundo inferior, de onde será preciso trazê-la, novamente, para os cimos e voltará a descer novamente à planície. A dignidade de Sísifo está na revolta contra o seu destino, empurrando a pedra da teimosia, da contumácia e da eterna redenção. O mito de Sísifo coloca o homem no trilho da excelência (*aretê*), no caminho da adversidade, da fidelidade, da dignidade, do sentir da pedra e da ilusão, do absurdo e da felicidade. Eleva o espírito humano, conduzindo o homem à noção aristotélica do bom, do belo e do bem.

Durante o presente ano desportivo, aprendemos a empurrar a pedra de Sísifo. A pedra que condena à dor, à teimosia, ao esforço, à disciplina, à devoção e à valentia, mas também que representa a vitória perante o destino, o eterno recomeço e a constante superação (tudo aquilo que sentimos ao iniciar o projeto do gabinete e atualmente).

Durante o presente ano desportivo, tivemos uma postura de permanente insatisfação e noção de dever perante a adversidade (tal e qual a metáfora da vida e o mito de Sísifo). Daí no início do parágrafo termos referido “(...) hábitos adquiridos”, pois os hábitos que adquirimos, tal como o mito de Sísifo, representam o *ethos* da condição humana: a superação, a dor, o sacrifício, o ideal, o desafio, a solidão, a perseverança, o sofrimento, a teimosia, o sonho, o dever...a disciplina.

Terminamos com Nietzsche:

O que podemos amar no homem é ser ele transição e naufrágio. Amo aqueles que apenas são capazes de viver na condição de perecer, porque perecendo se superam.

5. Referências Bibliográficas

Almeida, C. (2011). *O Gestor Operacional de Futebol na organização do Grupo FC Porto – Estudo de caso do Team Manager do FC Porto – Futebol, SAD* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Bacconi, A., & Marella, M. (1995). Nuovo sistema di analisi della partita in tempo reale. In *Preparazione atletica, analisi e riabilitazione nel calcio - 1º Convegno Nazionale AIPAC* (pp. 17 – 28). Città di Castelo: Edizioni Nuova Prhomos.

Bayer, C. (1994). *O ensino dos desportos coletivos*. Lisboa: Dina Livros.

Bell, J. (1997). *Como realizar um projeto de investigação*. Lisboa: Editora Gradiva.

Berthoz, A. (1997). *Le sens du mouvement*. Paris: Odile Jacob.

Blázquez, D. (1990). *Evaluación en Educación Física*. Barcelona: INDE.

Cameron, W. B. (1963). *Informal Sociology: a casual introduction to sociological thinking*. New York: Random House.

Carling, C., & Williams, M. (2006). Match Analysis and the 2006 FIFA World Cup. *International Council of Sport Science and Physical Education*, (47). Consultado em: <http://www.icsspe.org/content/no-47-cd-rom>

Carling, C., Williams, A., & Reilly, T. (2005). *The handbook of soccer match analysis*. London: Routledge.

Castelo, J. (1994). *Futebol - modelo técnico-tático do jogo*. Lisboa: Edições FMH, UTL.

Castelo, J. (2000). O Exercício de Treino Desportivo. In J. Castelo, H. Barreto, F. Alves, P. Santos, J. Carvalho & J. Vieira (Eds.), *Metodologia do Treino Desportivo* (pp.31-135). Lisboa: FMH-UTL.

Castelo, J. (2004). *Futebol – Organização dinâmica do jogo*. Lisboa: FMH Edições.

Castelo, J. (2006). *Futebol – Conceptualização e organização prática de 1100 exercícios de treino*. Lisboa: Visão e Contextos.

Castelo, J. (2009). *Futebol. Organização dinâmica do jogo* (3ª ed.). Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.

Cunha, F. (1999). A eficácia ofensiva em Voleibol. Estudo da relação entre a qualidade do 1º toque e a eficácia do ataque em voleibolistas portuguesas da 1ª divisão. In F. Tavares (Ed.), *Estudo dos Jogos Desportivos. Concepções, metodologias e instrumentos* (pp. 159 – 180). Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos.

Dias, C. (2009). *Análise Tática no Futebol: Estudo exploratório dos comportamentos táticos desempenhados por jogadores no campo relvado e no campo pelado* (Monografia de Licenciatura). Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Duarte, N. (2015). *Relatório de estágio em Treino Desportivo: Boavista Futebol Clube, Futebol, SAD* (Relatório de Mestrado). Instituto Universitário da Maia, Castelo da Maia, Portugal.

Dufour, W. (1993). Computer - Assisted Scouting in Soccer. In T. Reilly, J. Clarys & A. Stibbe (Eds.), *Science and Football II* (pp. 160-166). London: E. & F.N. Spon.

Ferreira, D. F. (2010). *A Importância de um Modelo de Jogo no Futebol. A Especificidade Vista como um Veículo Catalisador de todo o Processo de Treino* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Franks, I. (1987). Analysing a team sport with the aid of computers. *Journal Canadian des Sciences du Sport*, 12(2), 120-125.

Franks, I., & McGarry, T. (1996). The science of match analysis. In T. Reilly (Ed.), *Science and Soccer* (pp. 363-375). London: E. & F.N. Spon.

Franks, I., & Miller, G. (1986). Eyewitness testimony in sport. *Journal of Sport Behavior*, 9(1), 38-45.

Garganta, J. (1996). Modelação da Dimensão Táctica do Jogo de Futebol. In J. Oliveira & F. Tavares (Eds.), *Estratégia e Tática nos Jogos Desportivos Colectivos* (pp. 63 – 82). Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Garganta, J. (1997). *Modelação táctica do jogo de Futebol. Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento* (Dissertação de Doutoramento). Faculdade de Ciências de Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Garganta, J. (1998). Analisar o jogo nos jogos desportivos colectivos. Uma preocupação comum ao treinador e ao investigador. *Horizonte*, XIV(83), 7 - 14.

Garganta, J. (2000). Análisis del juego en el fútbol. El recorrido evolutivo de las concepciones, métodos e instrumentos. *Entrenamiento Deportivo*, XIV(2), 5 - 14.

Garganta, J. (2001). Futebol e Ciência. Ciência e Futebol. *Revista Digital*, 40. Consultado em: <http://arquivo.ufv.br/des/futebol/artigos/Futebol%20e%20ciência.pdf>

Garganta, J. (2003). Fútbol: del juego al entrenamiento, del entrenamiento al juego. *Training Fútbol*, 85, 14 – 17.

Garganta, J. (2004). Atrás do Palco, nas Oficinas do Futebol. In J. Garganta, J. Oliveira & M. Murad (Eds.), *Futebol: de muitas cores e sabores. Reflexões em torno do desporto mais popular do mundo* (pp. 228 – 234). Porto: Faculdade de Ciências de Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Garganta, J. (2005). Dos constrangimentos da acção à liberdade de (inter)acção, para um Futebol com pés e cabeça. In D. Araújo (Ed.), *O contexto da decisão. A acção táctica no desporto* (pp. 179-190). Lisboa: Visão e Contextos.

Garganta, J. (2006). (Re)Fundar os conceitos de estratégia e táctica nos jogos desportivos colectivos, para promover uma eficácia superior. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 20(5), 201-203.

Garganta, J. (2009). Trends of tactical performance analysis in team sports: bridging the gap between research, training and competition. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 9(1), 81-89.

Garganta, J. (2016). *Observação e Modelação do Jogo e do Treino em Futebol*. Manuscrito não publicado.

Gil, A. (2012). *Futebol: Análise do Resultado Final. Estudo de Quatro Ligas Profissionais Europeias* (Dissertação de Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal.

Goldman, R., & Papson, S. (2004). *Nike Culture: The Sign of the Swoosh* (4^a ed.). London: Sage Publications Ltd.

Gowan, G. (1982). A Análise do jogo. *Futebol em Revista*, 3(11), 35-40.

Gréhaigne, J. F. (1989). *Football de Mouvement. Vers une approche systémique du jeu* (Tese de Doutoramento). Université de Bourgogne, Dijon, França.

Grosgeorge, B. (1990). *Observation et Entraînement en Sports Collectifs*. Paris: INSEP.

Hughes, M. (1996). Notational analysis. In T. Reilly (Ed.), *Science and Soccer* (pp. 343 - 361). London: E & FN Spon.

Hughes M., & Churchill, S. (2005). Attacking Profiles of Successful and Unsuccessful Teams in Copa America 2001. In T. Reilly, J. Cabri & D. Araújo (Eds.), *Science and Football V* (pp. 219-224). London: Routledge.

Hughes, M. D., & Franks, I. M. (1997). *Notational Analysis of Sport*. London: E & F Spon.

Knudson, D., & Morrison, C. (2002). *Qualitative analysis of human movement*. New York: Champaign, IL. Human Kinetics.

Lago, C. (2009). The Influence of Match Location, Quality of Opposition, and Match Status on Possession Strategies in Professional Association Football. *Journal of Sports Sciences*, 27(13), 1463-1469.

Lucas, C. (2001). *Comparação entre a concepção do treinador e a percepção dos jogadores, face à prestação táctica, individual e colectiva. Um estudo de caso numa equipa de Futebol de Juniores A* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

McGarry, T. (2009). Applied and theoretical perspectives of performance analysis in sport: Scientific issues and challenges. *International Journal of Performance Analysis in Sport*, 9, 128-140.

Moutinho, C. (1991). A importância da análise do jogo no processo de preparação desportiva nos jogos desportivos colectivos: o exemplo do voleibol. In J. Bento & A. Marques (Eds.), *II Congresso de Educação Física dos Países de Língua Portuguesa - As Ciências do Desporto e a Prática Desportiva no Espaço de Língua Portuguesa – Desporto de Rendimento, Desporto de Recreação e Tempos Livres* (pp. 265 – 275). Porto: Faculdade de Ciências de Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

Neves, L. (2009). *Sociedades Anónimas Desportivas e Mercado de Capitais: Análise de Uma Década* (Dissertação de Mestrado). Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa, Lisboa, Portugal.

Nietzsche, F. (1978). *Assim Falava Zaratustra*. Lisboa: Editorial Presença.

Pacheco, R. (2005). *Segredos de Balneário. A palestra dos treinadores de futebol antes dos jogos*. Lisboa: Prime Books.

Philips, E., Davids, K., Renshaw, I., & Portus, M. (2010). Expert Performance in Sport and the Dynamics of Talent Development. *Journal of Sports Medicine*, 40(4), 271-283.

Ribeiro, P. (2009). *A observação como ponto de partida para uma análise pormenorizada das características das equipas adversárias* (Relatório de Mestrado). Universidade do Porto – Faculdade de Desporto, Porto, Portugal.

Rocha, J. (1996). *Scouting - A Realidade dos Sub-22* (Monografia de Licenciatura). Faculdade de Ciências de Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Silva, A. (2014). *Por Dentro da Seleção Nacional de Futebol Sub-21 (2010-2012)* (Relatório de Mestrado). Universidade Técnica de Lisboa - Faculdade de Motricidade Humana, Lisboa, Portugal.

Silva, P. (2006). *A Análise do Jogo de Futebol, Um Estudo Realizado em Clubes da Liga Betandwin.com* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, Portugal.

Teodorescu, L. (1984). *Problemas de Teoria e Metodologia nos Jogos Desportivos*. Bobadela: Instituto Piaget. Livros Horizonte.

Teodorescu, L. (2003). *Problemas de teoria e metodologia nos jogos desportivos*. Lisboa: Livros Horizontes.

Vázquez, A. V. (2012). *Fútbol. Del análisis del juego a la edición de informes técnicos*. Espanha: MCSports.

Ventura, N. (2013). *Observar para Ganhar - O Scouting como Ferramenta do Treinador*. Lisboa: Prime Books.

